



Universidade de Aveiro
2015

Departamento de Comunicação e Arte

**Bruno José
Rodrigues Cordeiro**

**O Design para a Comunicação do Território. Rotas Pedestres
da Figueira da Foz**



Universidade de Aveiro
2015

Departamento de Comunicação e Arte

**Bruno José
Rodrigues Cordeiro**

**O Design para a Comunicação do Território. Rotas Pedestres
da Figueira da Foz**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção de grau de Mestre em Design, realizada sobre a orientação científica da Prof.^a Doutora Joana Quental, do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

o júri

presidente

Prof. Doutor Rui Carlos Ferreira Cavadas da Costa
Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

arguente principal

Prof. Doutor Henrique Frederico Cantiga Cayatte
Professor Auxiliar Convidado da Universidade de Aveiro

orientador

Prof. Doutora Joana Maria Ferreira Pacheco Quental
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço à Prof. Dra. Joana Quental, orientadora deste trabalho, pela disponibilidade e interesse mostrado ao longo desta etapa.

À minha mãe, por todo o esforço que tem feito ao longo destes anos para a minha formação, não só ao nível escolar mas também enquanto pessoa.

Aos meus amigos Gonçalo Gaspar, David Bugalho, Joselito Gaspar, Gonçalo Oliveira, por serem uns camaradas de apoio, incentivo e compreensão.

Aos meus colegas de curso, que contribuíram para que todo este percurso tivesse sido mais fácil.

palavras-chave

Design, Ilustração, Fotografia, Comunicação do Território, Guia, Rotas Pedestres, Figueira da Foz

resumo

O concelho da Figueira da Foz é um local tipicamente turístico, conhecido essencialmente pela sua costa marítima, extenso areal e vida noturna. No entanto, esta localidade dispõe de um património cultural e ecológico desconhecido pela maioria da população. Com o objetivo de dar a conhecer o território, foi desenvolvido um Guia das Rotas Pedestres, que permite dar a conhecer um pouco desse ambiente desconhecido.

keywords

Design, Illustration, Photography, Territory Communication, Guide, Pedestrian Tour, Figueira da Foz

abstract

Figueira da Foz is a typically touristic town, famous for its extensive coast, sandy area and nightlife. However, its cultural and ecological heritage is unknown by most of its inhabitants. A Pedestrian Tour Guide is available for those who wish to be in close contact with that environment.

Índice

1 Introdução	01
1.1 Caracterização do problema	01
1.2 Objeto de estudo	03
1.3 Objetivos da investigação	04
1.4 Dissertação	04
2 Fundamentação teórica	07
2.1. A importância sociocultural do território	07
2.1.1 Marketing Territorial	08
2.1.2 O design para a divulgação do território	09
2.2 O Design de Comunicação	11
2.2.1 Criação de um conceito Guias de Campo	12
2.3 A Ilustração como recurso expressivo	12
2.3.1 Ilustração vs Fotografia	13
3 Desenvolvimento da investigação empírica	17
3.1 Análise de precedentes	17
3.1.1 Conclusões retiradas da análise dos guias	22
3.2 Formulação e validação da proposta	23
3.3 Desenvolvimento projetual	25
3.4 Estratégias de Comunicação	35
4 Considerações finais	37
4.1 Limitações e aspetos a melhorar	37
4.2 Perspetivas de trabalho futuro	37
5 Bibliografia	49

Índice de Figuras

Figura 01 - Guia Percursos Pedestres	17
Figura 02 - Guia Turismo Centro de Portugal	19
Figura 03 - Guia Obsercação de aves Portugal	20
Figura 04 - Guia de Percursos Pedestres Algarve	21
Figura 05 - Guia Turístico e Roteiro de Ruas da Freguesia de Portimão	22
Figura 06 - Autor - Gülşah Alçın	25
Figura 09 - Autor - Edward Christianto	25
Figura 07 - Autor - Elizabeth Younce	26
Figura 08 - Autor - Manuel Morgado	26
Figura 10 - Autor - Katy Wiedemann	26
Figura 11 - Autor - Violaine & Jeremy	26
Figura 12 - Processo das Ilustrações	27
Figura 13 - Fotografia Panorâmica da Rota de Maiorca	28
Figura 14 - Fotografia Panorâmica da Rota de Seiça	28
Figura 15 - Fotografia Panorâmica da Rota da Boa Vagem	29
Figura 16 - Fotografia Panorâmica da Rota do Megalitismo	29
Figura 17 - Fotografia Panorâmica da Rota das Salinas	29
Figura 18 - Mapa já existente da Rota de Maiorca	30
Figura 18 - Mapa Rota de Maiorca (redesenhado)	30
Figura 19 - Mapa Rota de Seiça (redesenhado)	31
Figura 20 - Mapa Rota da Boa Viagem (redesenhado)	31
Figura 21 - Mapa Rota do Megalitismo (redesenhado)	31
Figura 22 - Mapa Rota das Salinas (redesenhado)	32

Figura 23 - Capa	33
Figura 24 - Apresentação do Guia + Índice	33
Figura 25 - Localidades + mapa geral da Figueira da Foz	34
Figura 26 - Recomendações + Sinalética	34
Figura 27 - Espécie + Descrição (repetindo-se esta disposição para todas)	34
Figura 28 - Espécies Desenhadas 1	39
Figura 29 - Espécies Desenhadas 2	40
Figura 30 - Espécies Desenhadas 3	41
Figura 31 - Espécies Desenhadas 4	42
Figura 32 - Espécies Desenhadas 5	43
Figura 33 - Espécies Desenhadas 6	44
Figura 34 - Espécies Desenhadas 7	45
Figura 35 - Espécies Desenhadas 8	46
Figura 36 - Espécies Desenhadas 9	47

1 Introdução

1.1 Caracterização do problema

A Figueira da Foz é uma cidade que se situa na zona Centro, junto à foz do Rio Mondego e pertence ao Distrito de Coimbra. A cidade tem um comprimento e largura máximos de 35km e 18km, respetivamente, e uma largura média de 11km. Devido ao facto de estar encostado ao oceano e se estender em latitude, possui uma ampla faixa costeira que vai desde a Leirosa à Praia da Tocha, esta já no Concelho de Cantanhede (Pena, 2004). Sendo conhecida pelo seu extenso areal, pelo Casino que para além de ser um dos maiores do país é o único da região Centro, pela praça de touros, pelo Cabo Mondego e Serra da Boa Viagem, é um local tipicamente turístico, caracterizado pela sua costa marítima, gastronomia e vida noturna (Guia da Cidade, 2015). Este concelho também possui ecossistemas, biótopos e habitats muito ricos e diversificados que têm sido alvo de abandono e desleixo, seja por desconhecimento da sua importância ou por maus hábitos das populações. Nessa medida, é necessário procurar soluções como forma de tentar sensibilizar e informar as pessoas para a riqueza natural pouco valorizada; uma solução que aproxime a população figueirense e as pessoas que ocasionalmente visitem a Figueira da Foz à natureza, com o intuito de dar a conhecer a sua importância e beleza natural.

Considerando a falta de zelo por estes ambientes naturais, esta é uma oportunidade de desempenhar um papel ativo, de poder dar a conhecer alternativas de lazer às áreas urbanas, promovendo simultaneamente o património cultural e ecológico, incentivando a população a ter uma vida mais dinâmica e saudável, afastada dos espaços urbanos e do comodismo do automóvel, oferecendo experiências novas à vida de cada um, proporcionando um estilo de vida saudável e convívio ao ar livre.

O principal foco para que seja possível desenvolver este ideal está em dar a conhecer o território através das rotas pedestres existentes, sendo no percorrer dos vários percursos em que se pode viver a experiência do contacto com a natureza, ou pela possibilidade de conhecer pontos históricos da cidade. As localidades deste concelho com rotas pedestres são: Maiorca, Seiça, Serra da Boa Viagem, Serra das Alhadas e Salinas.

A localidade de Maiorca atravessa uma vasta área do baixo Mondego e é conhecida pelos campos de arroz, mas também pela história e arqueologia. O Paço de Maiorca, que também é o ponto de partida da rota aqui existente, foi outrora habitado por Viscondes e é um dos pontos históricos mais conhecidos desta região.

Contudo, existem outros pontos de referência, tais como: a Quinta d'Anta, o Monte de Santa Olaia, a igreja de Santo Amaro, a Igreja Paroquial de S. Salvador e as suas capelas, a Serra de Castros, a Serra de S. Bento e Sanfins (Freguesia de Maiorca, 2015).

A localidade de Seiça tem um ponto de referência de grande importância histórica: o Mosteiro de Santa Maria de Seiça. Não é conhecida a data precisa da fundação do mosteiro, no entanto pensa-se que seja por volta de 1162. Esta data tem como referência a presença do abade D. Martinho e da outorgação da carta de isenção dos direitos episcopais dados aos crúzios pelo Bispo D. Miguel Salomão. Em 1175, D. Afonso Henriques emite a carta de doação de couto ao Mosteiro e em 1195, o seu filho D. Sancho I filia a unidade de Seiça a Alcobaça. Para além da sua importância histórica e religiosa, o mosteiro também tinha benefícios devido à sua localização, junto à ribeira de Seiça, podendo assim desempenhar um papel importante na reorganização territorial e social das povoações do estuário do Mondego, principalmente em termos agrícolas (Rotas Figueira, 2015).

A região da Serra da Boa Viagem, é um dos maiores pontos de referência da Figueira da Foz. A Serra ocupa uma vasta área junto ao Oceano Atlântico, e tem um património natural de uma beleza notável. Na Serra, são de referir a Bandeira, que permite desfrutar de uma paisagem panorâmica, virada para Quiaios, a capela de Santo Amaro, o Farol do Cabo Mondego e o edifício do Abrigo da Montanha (cm-figfoz, 2015). A Serra das Alhadas, onde está integrada a rota do Megalitismo, pertence à freguesia das Alhadas. O ponto principal da rota do Megalitismo, de grande importância histórica, é o Dólmen das Carniçosas, sepultura pré-histórica com cerca de 5000 mil anos, integrada numa necrópole com mais duas dezenas de monumentos (Rotas Figueira, 2015).

A rota das Salinas é a última a integrar este estudo; situa-se no estuário do rio Mondego e percorre parte do lado sul do rio e ilha da Morraceira. Antigamente, uma das principais atividades económicas da Figueira da Foz era a produção de sal proveniente destas salinas, no entanto, hoje fazem parte do roteiro que se inicia no museu do sal (local onde é possível aprender mais sobre o passado desta cultura), sendo vistas como símbolo da cultura e da história da cidade. No percorrer das salinas, ainda é possível encontrar alguns dos tradicionais armazéns do sal (Guia da Cidade, 2015).

Com este estudo, do qual resultará um trabalho prático, é pretendido numa primeira instância alcançar a população figueirense, dando a conhecer a riqueza natural da região que é conhecida por poucos. Numa segunda instância, pretende-se atrair turistas às rotas pedestres, permitindo-lhes entrar em contacto com a fauna e com a flora. Sendo o principal foco as rotas pedestres para a comunicação do território, este conceito de divulgação e sensibilização destina-se a todas as pessoas fisicamente aptas a longas caminhadas.

1.2 Objeto de estudo

Considerando a relevância do problema, pretende-se que as pessoas tenham a possibilidade de experimentar o território, para que possam vivenciar um pouco mais o que a Figueira da Foz tem para oferecer. Assim, configurando a oportunidade de intervir através do design, foi pensado um suporte que permite comunicar com a população e dar a conhecer um pouco do que cada rota pedestre tem para oferecer. Para que se consiga comunicar, é preciso saber o que se quer comunicar, ou seja, perceber os pontos fortes que cada rota tem para oferecer. Posto isto, de forma intuitiva, é perceptível que o objeto mais indicado para este fim seja um guia de rotas pedestres, que dê a conhecer um pouco de cada rota, desde a contextualização do ambiente, pontos históricos de referência, fauna e flora que habitam no território.

Dado o contexto apresentado, o design como estratégia e meio para a comunicação do território, tem como objetivo fortalecer a imagem generalizada da região, ao nível da cultura, tradição e natureza. Considerando o mundo global e competitivo em que habitamos, o fortalecimento da sua imagem pode contribuir para atrair novos turistas e novos investimentos, que consequentemente podem gerar novas fontes de rendimento para o mercado local.

Para que seja possível trabalhar, valorizar, promover um território, é necessário encará-lo como uma marca, uma empresa, uma forma de negócio, pois só colocando o território neste patamar é que se torna possível criar meios para mostrar que uma região pode ser consumida por moradores, por turistas, de igual modo a um produto ou objeto de uma determinada marca: “Na sociedade mediática em que vivemos, comunicar é essencial para agregar valor a uma marca. Uma cidade é uma marca no mesmo sentido da marca de um produto alimentar ou da marca de uma peça de vestuário”(Rodrigues, 2013). Mesmo sendo um território, uma região ou uma localidade, para que haja um bom relacionamento e um interesse contínuo do público a quem essa comunicação se destina, é necessário que estas marcas sejam constantemente trabalhadas e atualizadas, para que não caiam no abandono e sofram da falta de zelo, contribuindo assim para um bom relacionamento contínuo com os públicos de interesse.

Cada vez mais, o design tem sido a ferramenta utilizada para promover o reconhecimento e preservação das identidades e culturas regionais, valorizando os produtos locais, considerando o território como marca. Segundo Kruken (2009), os produtos locais são manifestações culturais, fortemente relacionadas com o território e a comunidade que os produziu. Estes produtos refletem os resultados de uma trama, construída ao longo do tempo, envolvendo recursos da biodiversidade, modos de fazer e costumes tradicionais, considerando os hábitos de consumo. Através do design e da compreensão e reconhecimento das qualidades e riqueza dos produtos locais, é possível compartilhá-los com as pessoas, que muitas das vezes os desconhecem, sendo uma das principais missões do design a dinamização e valo-

rização dos recursos naturais e do património cultural, que o território tem para oferecer, gerando assim o reconhecimento das qualidades locais de uma região (Kruken, 2009).

1.3 Objetivos da investigação

Considerando as questões levantadas anteriormente, o objectivo principal desta investigação é dar a conhecer a região e sensibilizar as pessoas para o património natural, como forma de usufruirmos dele e de o preservarmos.

Ao longo deste processo, tendo em conta os diferentes recursos que o design dispõe, uma das principais questões será o de compreender as vantagens ou desvantagens que tanto a ilustração como a fotografia podem trazer para este contexto, pensando em ambas com o principal meio de representação visual a que o guia irá dispor.

Por fim, o terceiro objectivo passa por analisar e compreender os pontos fortes e fracos que guias semelhantes do que se pretende possuem, para que de se consiga prevenir eventuais falhas e perceber quais as opções gráficas mais aconselháveis.

1.4 Dissertação

A dissertação que se apresenta, intitulada O Design para a Comunicação do Território. Rotas Pedestres da Figueira da Foz, inicia-se com a introdução, onde é contextualizado o problema, que resulta da pouca valorização e preservação do património cultural e ecológico do território da Figueira da Foz. É apresentada também a forma como se pretende intervir, na tentativa de criar um meio de ligação entre as pessoas e o ambiente natural.

A dissertação está dividida em duas partes: a primeira trata a fundamentação teórica, onde são esclarecidos alguns aspetos relacionados com o território, a sua importância sociocultural e o design como estratégia de divulgação (aqui apresentam-se três aspetos essenciais: o design de comunicação, a Ilustração e a fotografia); a segunda parte da dissertação consiste no projeto prático Guia de Rotas Pedestres da Figueira da Foz, onde se encerra a teoria estudada. Dentro do desenvolvimento de investigação empírica, temos a análise de precedentes, onde são analisados guias do género do que se pretende e diferentes tipos de ilustração de espécies. De seguida, é feita a formulação e validação da proposta. Com base nos resultados obtidos na análise, são definidos os aspetos a considerar na conceção do guia. No ponto seguinte, o desenvolvimento projetual, como o nome indica, são relatadas as opções que foram sendo tomadas no desenvolver do projeto.

Para finalizar, seguem-se as considerações finais, onde são tiradas elações sobre o que foi feito e produzido: os resultados obtidos, às limitações e aspetos a melhorar. Dentro destas considerações, ainda são referidos alguns pontos que ficam em aberto para possível expansão do trabalho em questão.

2 Fundamentação teórica

2.1. A importância sociocultural do território

Para que seja possível explorar as potencialidades que um território tem para oferecer, é necessário aprofundar o estudo sobre o mesmo, de forma a perceber quais os benefícios que isso pode trazer à comunidade local.

Considerando a problemática ambiental que se tem agravado nos últimos anos, os paradigmas de diversas áreas do conhecimento têm sido transformadas e o design não é exceção. É necessário elaborar uma reflexão que remeta para estes problemas, desenvolvendo um pensamento que permita perceber como é que o design e os designers podem criar estratégias e abordagens que contribuam para atenuar os problemas relacionados com o ambiente. Nesta sequência, é necessário estender pesquisas científicas e tecnológicas relacionadas com o desenvolvimento social, económico e ambiental, para a promoção das regiões desenvolvidas e em desenvolvimento. Contudo, também é necessária uma consciencialização da sociedade para uma mudança de comportamento que priorize a preservação da natureza, que consequentemente se relaciona com a preservação do homem (Cavalcanti, 2009).

O sentido com que nos expressamos sobre determinado assunto pode assumir diversas abordagens sobre um determinado facto. No que concerne ao território, a forma como o descrevemos e como o comunicamos, pode ser feita de diferentes maneiras, que posteriormente resultarão em diferentes perceções do recetor: “ Os territórios que habitamos não se manifestam na sua totalidade se nos limitarmos a explicar os seus aspectos formais. Nesta perspectiva, o que estamos a fazer é, tão-só, descreve-los, em vez de os compreender” (Silva, 2013: 7). O valor simbólico que um território pode assumir deverá variar em função da forma como é comunicado, podendo transmitir uma ideia de importância, de algo de valor, ou pelo contrário, algo meramente banal. Focando na ideia anteriormente debatida, o território tem de ser assumido como marca e só dessa forma é que é possível encontrar a melhor estratégia para promover essa marca.

Com base na filosofia hermenêutica, filosofia que estuda a teoria da interpretação e incorpora nela o papel de diferentes intérpretes, segundo Silva (2013) são apresentados no contexto do território dois pontos de vistas diferentes, sob os quais é feita a interpretação. O lado formal, em que o território, abstratamente falando, é visto como objeto em relação ao contexto em que é inserido; e o lado compreensivo, que tem a ver com o significado, em que o território é visto como uma obra produzida

por alguém e está inserido numa determinada comunidade cultural associado a um contexto histórico. O relevante desta análise está em compreender que para além do que se encontra objetivado, é sempre possível retirar várias interpretações e ver para além dos aspetos formais. No caso do território, não se podem descartar outros fatores como a relação que os intérpretes, ou seja as pessoas, tenham com esses territórios, tanto atualmente como ao longo da história.

Para que seja possível neste projeto prático criar meios que resumam as qualidades e os pontos fortes de cada rota, é preciso perceber quais as características do território que mais se evidenciam: “Conhecer quais as características do território que se podem evidenciar no sentido de tornar o território em estudo um bom território para viver, visitar, trabalhar ou para investir, parece constituir uma resposta a obter” (Ruivo, 2008: 3). É preciso compreender as qualidades do local, aspetos diversos, de natureza social, cultural e económica, os fatores que se evidenciam e se relacionam com a população envolvida. Embora seja possível escolher diferentes abordagens sobre o problema, as mesmas são coincidentes quanto ao objetivo final e quanto ao que se pretende, ou seja, o desenvolvimento do território, a melhor utilização dos seus recursos, envolvendo o maior número de pessoas, estimulando a intervenção pública para a preservação e valorização do património.

Sendo clara a necessidade de evidenciar os pontos fortes do território, especificamente das rotas pedestres, torna-se pertinente referir o conceito de Marketing Territorial, para que seja possível desenvolver uma estratégia objetiva, que permita projetar uma solução aparentemente eficaz.

2.1.1 Marketing Territorial

O Marketing Territorial é um conceito recente, é um processo metodológico, que se serve de ferramentas do marketing, para a comunicação e divulgação de um território, com o intuito de reforçar a sua atratividade. Considerando um planeamento estratégico na propaganda do território, o Marketing territorial não se baseia só na sua promoção, mas também no seu desenvolvimento. É necessário pensar no território numa forma lógica de competitividade, para posteriormente ser comunicado através do design (António, 2010).

Segundo António (2010), o Marketing Territorial, em traços gerais, compreende:

- Desenvolvimento sustentável;
- Competitividade;
- Promoção.

Os objetivos do Marketing Territorial devem estar em sintonia com os objetivos do desenvolvimento económico-social e a população que direta ou indiretamente está associada. Todos os factores que se relacionam com o território têm de ser devidamente pensados e tidos em conta, pois só assim é possível agir de forma coerente e objetiva, para que todo o potencial do território sobressaia, beneficiando tanto a sua preservação como o relacionamento com os intervenientes.

Para António (2010), um plano estratégico de Marketing desenvolve-se em 4 passos:

- Análise da realidade;
- Formulação de uma Estratégia (Objetivos);
- Desenvolvimento de um Plano de Ação (Metodologia);
- Implementação e monitorização.

O Marketing é uma ferramenta utilizada para criar satisfação e valor ao consumidor, ao serviço da conceção, através de planos estratégicos tem o objetivo de aumentar o interesse dos públicos-alvo, estando especificamente a ser utilizado ao serviço do território, sendo um serviço que combinado com o design, pode-se revelar uma mais-valia:

“ As cidades/regiões possuem identidades com atributos patrimoniais, económicos, tecnológicos, relacionais, sociais e simbólicos que constituem a base dos processos de construção de imagem dos territórios e a marca, através da sua dimensão funcional e simbólica, têm a capacidade de consubstanciar e valorizar essa identidade promovendo a identificação e envolvimento com os públicos e simultaneamente distingui-lo de territórios concorrentes” (Gaio, 2007: 29).

Devido à ausência de um plano estratégico de promoção territorial, muitas regiões sofrem de problemas, como aquele que é tratado neste estudo, associado à estagnação da imagem e à perceção pouco atrativa do local. Muitas vezes o problema não está na falta de conteúdo, na falta de interesse, na falta de beleza, de uma determinada região; pode resumindo-se simplesmente à falta de informação, ou então, à forma como é comunicado.

“O papel do trabalho da marca territorial passa inúmeras vezes por estratégias de re-imaging que remetem para a reconfiguração deliberada da representação e imagem da cidade por forma a atingir objetivos económicos, culturais e políticos, alterando assim os mapas percetuais e imagens mentais dos públicos relativamente ao lugar que impedem a predisposição para a experimentação e/ou para o envolvimento” (Gaio, 2007: 30).

2.1.2 O design para a divulgação do território

É intenção desta investigação recorrer ao design como meio para a comunicação do território, esperado criar um elo de ligação entre o território e a população, no sentido de tentar atenuar o problema da falta de visibilidade e interesse existente. Segundo Wielewicki (2010), em muitas situações direcionamo-nos logo para as soluções sem pensar nos fatores envolvidos que se relacionam, o design vem atribuir novos sentidos, ou introduzir novas leituras perante a informação dispersa.

“- Na evidenciação das problemáticas territoriais;

- Na identificação de forças ou recursos territoriais a serem empregados em projetos;

- Na promoção de uma visão participativa visando o desenvolvimento sustentável

dos territórios (visões compartilhadas);

- Na agregação de valor aos territórios e na promoção da sustentabilidade social e econômica dos lugares.

As principais aplicações do modelo proposto são, portanto projetos relacionados à gestão territorial e gestão da atividade turística com destaque para:

- Elaboração de diagnósticos turísticos e de marcas territoriais (landmarks);
- Estudos de mercado e de viabilidade turística;
- Elaboração e implantação de inventários turísticos em consultorias e assessorias;
- Elaboração de projetos e planos estratégicos governamentais voltados ao turismo;
- Elaboração de projetos de melhoria e revitalização do espaço urbano;
- Elaboração de projetos de preservação ambiental e da cultura e patrimônio local, assim como programas voltados à educação envolvendo estes temas;
- Elaboração e atualização do planejamento estratégico dos territórios;
- Elaboração de projetos de gestão participativa dos territórios.

Além disso, o modelo de análise neste trabalho aplicado à realidade dos territórios pode ainda ser adaptado a outras realidades como à avaliação de produtos, serviços e empresas.” (Wielewicki, 2010, p. 16).

O território pode ser visto por uma multiplicidade de dimensões, ambiental, social, cultural e econômica, assim sendo é possível juntar colaboradores e profissionais de diferentes áreas num projeto territorial, podendo cada um dar o seu contributo de diferentes formas. Posto isto, passa pelo designer o papel de relacionar as áreas e os intervenientes envolvidos, considerando que poderá ser também o responsável pela produção final e comunicação do projeto.

“O designer pode ser o provedor do projeto territorial ou, por exemplo, contribuir com a finalização do projeto territorial coordenando os produtos locais com a imagem do território. Contudo quando se fala em “design territorial” não se quer atribuir somente ao designer o projeto territorial, mas sim constatar a aproximação do design com a questão territorial e a sua complexidade multidisciplinar” (Flores, 2012:10).

Esclarecido o facto de o território possuir uma multiplicidade de dimensões, é necessário que o designer faça um papel polivalente de triagem de cada área, para que perceba qual a matéria relevante. Para além da comunicação do território, o designer pode ainda assumir um papel mais interveniente e compreender ao longo do estudo quais os pontos fracos que podem ser melhorados. O design é uma

atividade criativa e a criatividade usada de forma inteligente pode fazer chegar a soluções inesperadas mas mais apropriadas.

“A perspetiva do design é fundamental na visualização de oportunidades para agregar maior valor aos recursos, tornando explícito seu conteúdo sócio ambiental. Identificar a vocação do território é o primeiro passo para desenvolver novos serviços e produtos locais. É necessário investigar os “marcadores de identidade”, os quais podem ser elementos do património material ou imaterial, a fim de compreender o espaço onde nasce o produto, a sua história e suas qualidades, associadas ao território e à comunidade de origem. A valorização de um produto local pode contribuir para a renovação da imagem do território, atrair visitantes e melhorar as condições de vida local” (Flores, 2012: 11).

2.2 O Design de Comunicação

“O design é sobre conceitos, relações, idéias e processos. É também uma iniciativa de colaboração que é supremamente interdisciplinar que une especialistas em comunicação bi e tridimensional, a cultura visual e material, e é interdisciplinar na medida em que traz diferentes domínios profissionais juntos “.¹

O uso do Design de Comunicação vem da necessidade de adequar a expressão a um determinado desígnio comunicativo. Considerando este aspeto, não se pode avaliar a qualidade do que se concebeu, exclusivamente pela sua aparência visual, é preciso ter em conta o conteúdo que se quer transmitir, pois apesar de toda a sofisticação visual que possa ter o produto final, a forma não é separável do conteúdo. Para um resultado que responda ao programa, é fundamental a adequação da forma e expressão aos conteúdos, objetivos e público-alvo.

Para compreender melhor a comunicação visual de um determinado projeto, é preciso refletir mais sobre as ações do que se produziu, em vez de fixar só a reflexão no resultado final. Acresce que a questão mais relevante não é o ato de comunicar, mas o impacto que isso tem sobre o conhecimento, e a forma como afeta o comportamento das pessoas. Para concluir, a finalidade do design de comunicação é afetar o conhecimento, atitudes e comportamento das pessoas, após a interação com o objeto (Frascara, 2004).

No processo de design, deparamo-nos com metodologias e especificações diferentes que variam durante o desenvolvimento do projeto. Segundo Buchanan (1992), o processo de fazer design é dividido em duas fases distintas: a definição do problema e a solução do problema. A definição do problema é o momento em que o designer consegue determinar todos os elementos do problema e tem a capacidade de perceber quais os requisitos que uma solução de sucesso deve ter. A solução do problema será, conseqüentemente, a combinação dos vários requisitos que dão

¹“Design is about concepts, relationships, ideas and processes. It is also a collaborative venture which is supremely interdisciplinary in that it unites specialists in two- and three-dimensional communication, visual and material culture, and it is interdisciplinary in that it brings different professional domains together” (Julier, 2008).

origem a um plano final destinado a produção.

A solução que os designers desenvolvem para determinado problema pode persuadir, informar, identificar, motivar, valorizar, organizar, envolver e transportar para muitos níveis de significado. A solução de design pode ser tão eficaz que pode influenciar comportamentos (Landa, 2011).

2.2.1 Criação de um conceito Guias de Campo

O processo de design pressupõe a existência de um conceito, uma base de sentido coerente com o programa, em resposta ao problema. Subjacente à conceção final tem de estar sempre um porquê, uma razão que justifique as opções tomadas. Definir um conceito é, assim, criar bases de trabalho.

No processo de pensar e fazer design estamos sempre condicionados pelo público. Para John Dewey, o público é um conjunto de pessoas afetadas pelo mesmo problema, direta ou indiretamente. O público é uma entidade gerada para tentar antecipar consequências futuras perante um problema. Contudo, o público não é universal nem uma abstração, ou seja, o público não é nada mais que um conjunto de pessoas com um problema semelhante, no entanto não deixam de ser seres individuais, que poderão ser de etnias diferentes, crenças diferentes e vivências diferentes, daí a preocupação com a generalização do público para o mesmo problema (DiSalvo, 2009).

O guia de campo é o suporte em que se pretende apresentar o projeto prático, no qual o estudo se baseia. O guia tem de ser um objeto prático e fácil de transportar, para poder ser usado em movimento, que permita o seu uso no terreno. É um livro pequeno que tem como finalidade identificar no campo, plantas, animais ou outras entidades do meio natural. Ao nível da estrutura, o guia normalmente constituído por imagens – fotografia ou ilustração –, acompanhadas de uma breve descrição. Outra parte que integra os guias são os itinerários, que servem para o caminhante poder identificar o percurso, contendo vários pontos-chave assinalados. Geralmente os guias de campo são usados por amadores, o que significa que a identificação visual é de extrema importância, para não induzir em erro (Cecílio, 2012; Castro, 2012).

2.3 A Ilustração como recurso expressivo

A ilustração tem como princípio representar visualmente um texto ou conceito, no sentido de o tornar mais claro, reforçando ou esclarecendo o seu sentido; pode ainda, em alguns casos, ter um aspeto meramente decorativo. Enquanto disciplina,

a ilustração situa-se entre arte e design gráfico, consoante o praticante poderá aproximar-se mais de uma ou de outra área, porém como termo descritivo a ilustração é frequentemente referida como arte gráfica.

Assim como a fala, a imagem desenhada desempenha um papel fundamental na comunicação entre pessoas, e antes do desenvolvimento da escrita, era o único método de gravação de histórias. A ilustração passou a existir para nos ajudar a criar sentidos sobre o mundo, permitindo-nos gravar, descrever e comunicar os vários momentos da vida (Zeegen, 2009).

As imagens servem para ajudar à compreensão, trazendo significado visual a um determinado texto; podem ser simples, complexas, esquemáticas, emocionais ou de documentário, mas mais importante do que o objetivo de apresentar um ponto de vista, elas devem fazer o espetador pensar. As imagens no contexto da ilustração devem ser únicas, fazendo com que o espetador observe algo de uma forma que normalmente não o faria. Elas também devem ser emocionais trazendo a presença humana ao espetador, além de serem adequadas e compreensíveis. A forma como se leem as imagens e como descodificamos os seus significados ocorre de uma forma subconsciente. Por outras palavras, a percepção que vamos ter da leitura de uma imagem pode variar, pois a sua leitura pode ser influenciada pelas experiências e vivências de cada pessoa (Zeegen 2005).

Ao fazer ilustração é crucial conseguir comunicar a mensagem que se pretende transmitir.

Para o ilustrador, desenvolver uma linguagem única pode levar imensos anos de experimentação. Aparentemente imagens simples podem desmentir a viagem que o ilustrador fez para aperfeiçoar a sua abordagem na elaboração da imagem. No processo de trabalho, os ilustradores têm tendência a direcionar o projeto para o seu pensamento criativo, como forma de assinatura visual da obra em si. A resolução de problemas de forma inovadora é resultante da combinação de criatividade, aptidão visual e expressão pessoal (Zeegen 2009), e é por essa razão que muitas vezes conseguimos identificar um trabalho de determinado autor mesmo antes de verificar a sua autoria, pois a linguagem única que o ilustrador desenvolve, acabam por refletir a sua assinatura visual.

2.3.1 Ilustração vs Fotografia

Tanto a ilustração como a fotografia são formas de representação visual que podem resultar de forma eficiente, dependente do fim a que se destinam. Contudo, dado o projeto em mãos, resta perceber como tirar maior partido de ambas as técnicas, percebendo quais os pontos fortes de cada uma, e a forma como se podem relacionar, comparando-as.

Durante algum tempo, a fotografia foi o recurso predominante no mundo editorial,

por ser mais fácil de reproduzir e fiel à realidade; contudo a ilustração tem vindo a desafiar esta norma com o seu crescimento. Existem várias razões pelo qual a fotografia predomina na forma de comunicar, mas a principal é o facto de comunicar de forma direta com o espetador. As fotografias são fáceis de entender em termos visuais, pois elas são compostas por elementos do nosso redor e permitem ao espetador imaginar-se nela.

O uso frequente da fotografia criou o cenário perfeito para a ilustração, levando os editores e designers a procurar novas formas de apresentação dos seus conceitos e ideias, na tentativa de captar a atenção do público de forma mais estimulante.

Uma das grandes diferenças entre a fotografia e a ilustração, é talvez a profundidade do que se comunica, isto é, a fotografia na sua forma mais básica, é o registo visual de uma fração de tempo, captado num determinado momento, ou seja, a fotografia é o registo do momento, o real, aquilo que é permitido também ao olho humano ver, ficando guardado num suporte físico, algo que antes da existência da fotografia seria impossível registar ou guardar. No entanto, dado o avanço tecnológico, hoje é possível explorar técnicas fotográficas que permitem de alguma forma, acrescentar um sentido mais cénico à fotografia. Mas apesar dos recursos que a permitem moldar num sentido mais enfático e expressivo, a fotografia tem determinadas limitações que podem ser quebradas pela ilustração, isto porque a fotografia a não ser que não seja manipulada, nunca passará de um registo visual, ao nível do olho humano, ao contrário da ilustração que consegue entrar numa outra dimensão, que aliada à criatividade, e à técnica, consegue criar qualquer quer tipo de imagem, sendo realista ou imaginária, não estando limitada só ao que o olho humano pode ver.

Outra das vantagens do uso da ilustração é a sua capacidade de relacionar conceitos e ideias abstratas, não estando vinculada à realidade (Fabulous Noble 2015). No entanto, neste ponto, também há uma contrariedade, relativamente a estas duas formas de representação visual.

Hoje o uso de uma câmara democratizou-se e não é exclusivo dos fotógrafos; o seu uso passou a ser abrangente a outras disciplinas da arte e do design, e até mesmo a ilustração pode ser feita a partir de um registo fotográfico. A fotografia tem sido usada durante muitos anos como um instrumento de referência, permitindo àqueles que desenham num determinado local, criar um registo fotográfico que permita terminar o trabalho posteriormente em estúdio, sendo um excelente método de memória visual. Atualmente, o uso mais óbvio da fotografia na ilustração é a da vetorização, em que a fotografia é usada como base para traçar vetores, e a fotomontagem, onde a fotografia é trabalhada digitalmente através do Adobe Illustrator e Photoshop (Zeegen, 2005).

Tem sido recorrente a combinação destas duas formas de expressão na foto ilustração. Esta é uma tentativa de combinar as vantagens de ambas para criar novas abordagens estéticas (Fabulous Noble 2015).

A ilustração e a fotografia, não têm de ser dois lados opostos, ambas têm pontos fortes e menos fortes; por essa razão há que saber tirar partido de ambas consoante a finalidade do trabalho, mesmo que isso implique a combinação das duas. Com o avanço tecnológico e com a possibilidade de ilustrar digitalmente, ou combinar técnicas digitais com manuais, a ilustração tem-se tornado cada vez mais versátil, e por essa razão conciliar ilustração com fotografia, não é de todo uma ideia sem fundamento.

3 Desenvolvimento da investigação empírica

Concluída a fundamentação teórica passamos à parte prática da dissertação, em que é desenvolvido o Guia das Rotas Pedestres da Figueira da Foz, explicando detalhadamente todo o processo e a forma como o projeto foi evoluindo. O estudo teórico servirá de base para explicar algumas das decisões tomadas, bem como para perceber a importância de determinadas matérias, nomeadamente sobre o uso do design, da ilustração e da fotografia.

Para dar início ao projeto, é essencial perceber primeiro o que já existe relativamente a outros guias, e também quais os pontos fortes que devem servir de exemplo para uso próprio e as limitações ou fragilidades a ultrapassar.

3.1 Análise de precedentes

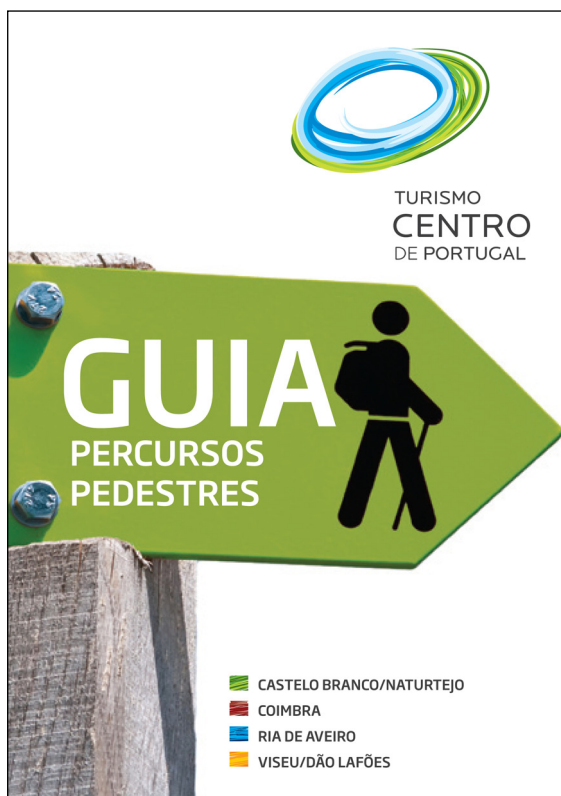


Figura 01 - Guia Percursos Pedestres

Foi desenvolvida uma análise a diferentes tipos de guias – cinco no total –, com o objetivo de tentar perceber quais as melhores soluções para o projeto e quais as dificuldades e falhas possíveis de encontrar na elaboração do mesmo.

Nesta análise estabeleceram-se critérios ao nível da estrutura: distribuição da informação, uso da imagem e a forma como ela se relaciona com o texto, tipografia e facilidade ou dificuldade de leitura.

O Guia Percursos Pedestres é o primeiro a ser analisado. Este guia tem como finalidade dar a conhecer, como o nome indica, os percursos pedestres da zona centro, mostrando informação sobre as características de cada percurso, e um pouco do que se pode observar em cada local.

Analisando graficamente, este é um guia que recorre à fotografia, em pequenas dimensões, como forma demonstrati-

va do conteúdo escrito. Pontualmente existem também algumas páginas ao longo do guia com fotografia de página inteira. O uso de ilustração não é tão evidente como o da fotografia, pois esta é usada no pictograma da capa, e ao longo do guia em elementos de decoração do fundo, como pegadas e bússolas. Outro elemento gráfico existente são os mapas: o mapa geral sinaliza todos os percursos inseridos no guia, é visualmente simples e fácil de entender; os outros mapas são específicos de cada percurso, visualmente mais complexos, com outro tipo de linguagem, o que dificulta a compreensão do caminhante.

Relativamente ao tipo de letra, são usados três variações da mesma, uma bold outra normal e outra light, letras não-serifadas de fácil leitura.

São usadas quatro cores principais, cada uma associada a uma parte do guia, aplicada em alguns pormenores. O formato é retangular, posicionado de forma vertical, com oitenta e oito páginas no total.

O texto não é muito extenso, sendo apenas composto por uma pequena introdução e posteriormente a informação de cada local apresentada por tópicos.

No que diz respeito ao público, não existe propriamente um público-alvo específico, deduzindo-se que se destina a pessoas capazes de fazer algumas caminhadas, que revelem interesse em conhecer as regiões apresentadas da zona centro.

Na relação com o caminhante, pode-se considerar um guia objetivo, com informação clara e fácil de entender, fácil de ler, e estruturalmente bem organizado, estando a informação bem dividida pelo espaço. Contudo, a forma como as fotografias pequenas estão apresentadas, como se estivessem impressas e sobrepostas, não aparentam estar muito bem relacionadas com o resto dos conteúdos.

Para concluir, este guia está bem concebido. Contudo, haveria melhorias a fazer: as ilustrações de fundo não se enquadram muito bem, as fotografias pequenas como foi referido anteriormente e os mapas específicos de cada percurso, que são visualmente pouco apelativos à caminhada, talvez pela sua complexidade e linguagem usada.



Figura 02 - Guia Turismo Centro de Portugal

Este é o segundo guia de análise, que apresenta um pouco dos costumes da zona centro do país, desde cultura paisagística, turismo ligado à religião, natureza, saúde e bem-estar, sol e mar, náutico, gastronomia e vinhos, negócios, golfe e turismo residencial.

O recurso à fotografia enquanto elemento de representação visual é quase total, existindo também dois mapas como elementos gráficos, ou seja, não existe ilustração.

O tipo de letra é não-serifado, usada em normal e light; sendo uma letra com boa visibilidade, no texto é mal aplicada.

O uso de cor é bastante diversificado, estando cada uma delas associada a uma região e a uma temática. O formato é retangular, na horizontal e contém vinte e três páginas.

Em algumas páginas a quantidade de texto é excessiva, estando demasiado informação numa área pequena, contudo nas páginas acompanhadas por fotografia o texto é equilibrado.

O guia destina-se a pessoas interessadas em fazer turismo, sendo uma amostra de opções e alternativas da zona centro; apresenta a informação bem organizada relativamente aos temas mas não incentiva à leitura, pela quantidade de texto em pouco espaço e pela entrelinha apertada.

Da análise deste guia, concluímos que em termos de informação e conteúdos está bastante completo mas graficamente apresenta algumas falhas, tais como: a falta de um título que identifique rapidamente do que se trata e também o facto de ter muita informação em pouco espaço. Sendo um guia de poucas páginas, uma solução possível seria acrescentar algumas, para que a leitura fosse facilitada e a

distribuição de conteúdos equilibrada, na relação imagem e texto.



Figura 03 - Guia Observação de aves Portugal

O Guia observação de aves, é o terceiro em análise e tem como finalidade dar a conhecer alguns itinerários para a observação de aves, bem como algumas das aves possíveis de avistar.

Iniciando a análise gráfica pelo tipo de imagens usadas, este guia recorre à fotografia para a representação das espécies e paisagens. A fotografia aparece algumas vezes ocupando toda a página, noutras em tamanho inferior. O guia é também composto por alguns mapas, todos eles numa linguagem muito simplificada e fácil de compreender. O uso de ilustração não está presente.

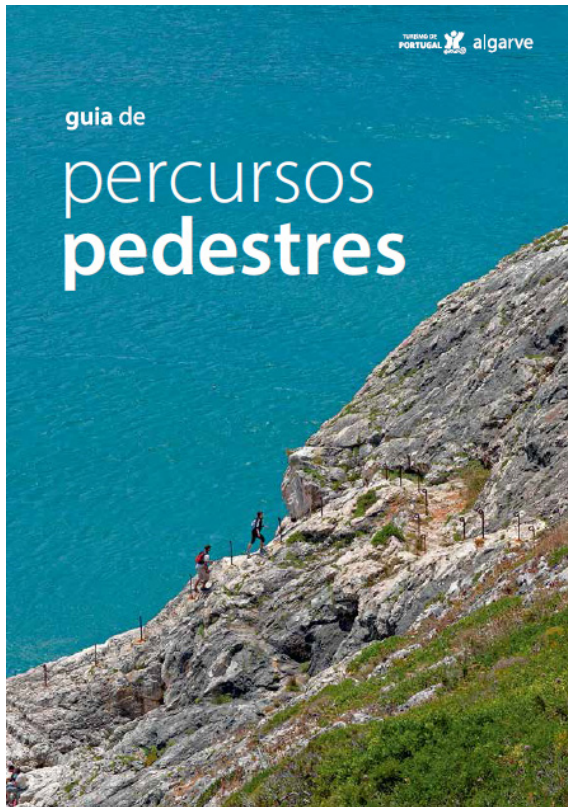
Os tipos de letra utilizados são uma fonte serifada como a da capa para os títulos de grande dimensão; para títulos mais pequenos uma fonte sem-serifas bold e para o restante texto a mesma fonte mas em normal.

Nas cores, a predominante é um tom cinza claro, havendo também outras cores vivas utilizadas para pormenores, sendo uma para cada capítulo, criando assim contraste entre cores, mas de forma equilibrada.

O formato é retangular na vertical e tem cinquenta e oito páginas. O texto em certas páginas é um pouco extenso, mas em contrapartida tem páginas só com títulos, o que acaba por equilibrar a forma como a informação está exposta.

O guia destina-se principalmente a pessoas com um interesse particular por avifauna, contudo é bastante apelativo visualmente e fácil de compreender, tanto na leitura como na forma que os conteúdos são organizados.

Este é um guia bem concebido, um dos melhores exemplos, de como organizar informação e equilibra-la com imagem, não havendo grandes questões a apontar, no entanto algo que pudesse ser melhorado seria a fonte serifada, talvez não sendo a mais indicada em relação à outra fonte não-serifada usada.



O guia de percursos pedestres tem como finalidade dar a conhecer as rotas pedestres existentes no Algarve, bem como algumas espécies de fauna e flora possíveis de encontrar.

A representação visual é sobretudo feita com a fotografia de página completa, meia página e em tamanho pequeno. Existem outros elementos gráficos, tais como os mapas com dois géneros de abordagem: para o mapa geral uma linguagem mais simples de compreender e para o mapa específico de cada percurso uma linguagem mais complexa.

Este guia usa apenas uma fonte não-serifada, em bold e normal. A cor usada vai variando consoante o capítulo, estando apenas aplicada em alguns detalhes da paginação.

Figura 04 - Guia de Percursos Pedestres Algarve O formato usado é o retangular na vertical, composto por cento e oitenta e oito páginas, sendo um pouco extenso em comparação aos outros guias apresentados. Relativamente à informação escrita é um guia com muito texto, mas sempre acompanhado de imagem.

O guia destina-se a turistas que queiram conhecer melhor o Algarve, é perceptível e bem organizado; apesar de ser extenso é fácil de ler pela forma como está estruturado e a informação distribuída pelo espaço.

Algumas das melhorias possíveis de fazer neste guia seria um resumo da informação para que fosse possível torná-lo mais pequeno. Outro aspeto a melhorar seria os mapas de cada percurso, para uma linguagem mais simples e fácil de compreender.

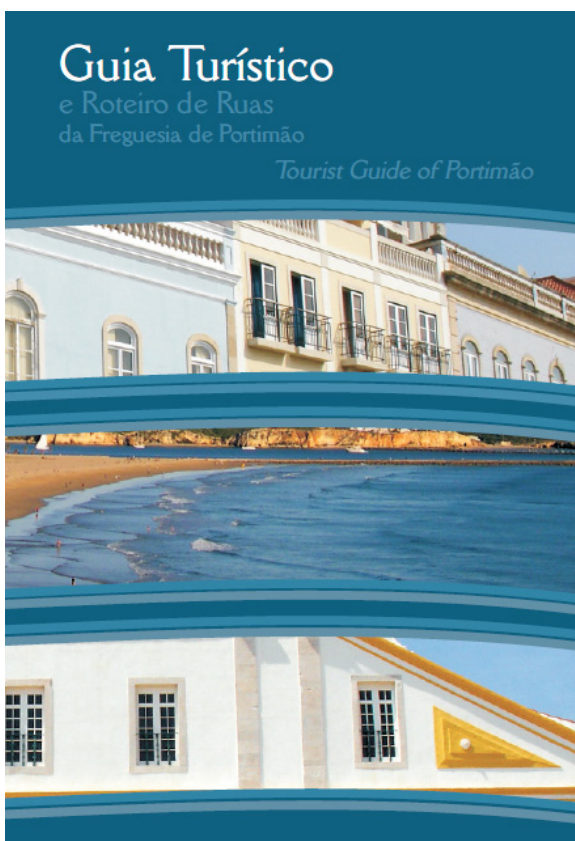


Figura 05 - Guia Turístico e Roteiro de Ruas da Freguesia de Portimão

O Guia Turístico tem como objetivo dar a conhecer um pouco do que se pode encontrar em Portimão, desde a história, às praias, à gastronomia, ao comércio, animação e lazer, alojamento, transportes e roteiros de ruas.

Visualmente é um guia que usa muitas fotografias em pequenas dimensões e para além de estarem pequenas têm molduras em torno delas, que fazem com que retirem relevância devido à sua dimensão. Este guia também não recorre à ilustração.

As fontes são usadas com pouco critério: um tipo serifado na capa, no restante guia são usados dois tipos não-serifados (nas versões bold e normal), que também não se relacionam da melhor forma, pois a normal é mais estreita que a bold.

O uso da cor varia consoante o capítulo, assim como nos casos anteriores. Como se pode ver pela capa o guia é retangular, na vertical e possui quarenta e quatro páginas.

Destina-se a turistas que visitem Portimão, que queiram conhecer mais sobre a localidade. É fácil de perceber como o guia está organizado e dividido, no entanto é composto por muito texto e poucas imagens, sendo pouco prático para quem procura uma leitura rápida para se ambientar à localidade. A forma como está estruturado também não é muito apelativa à leitura, sendo um quarto de cima da página composto por imagens com grandes molduras e o resto da página composto de texto, com pouco espaçamento entre linhas.

Para concluir, este guia tem informação interessante, só que a forma como está exposta não é a melhor, pelos motivos apresentados anteriormente.

3.1.1 Conclusões retiradas da análise dos guias

Da análise feita é importante retirar conclusões em dois sentidos: a primeira é perceber o que poderá ser benéfico para o projeto, a segunda é identificar os erros mais recorrentes para que não sejam cometidos igualmente.

Começando pelos aspetos positivos, o uso da fotografia é muito mais enriquecedor aplicado de página inteira do que em tamanho menor. Nos mapas é importante ter um mapa geral que assinala os locais de cada percurso, para que seja possível ter

uma ideia geral de onde se situam. O tipo de letra deve ser bastante simples, de preferência fontes não-serifadas, para facilitar o máximo possível a leitura.

Nas cores, a ideia de usar uma cor diferente em pormenores de cada capítulo para realçar a mudança de assunto, aparenta ser uma boa solução.

Relativamente à quantidade de texto usado, deve ser moderado, ainda que seja extenso em alguns momentos e deve ser acompanhado de imagem para que não se torne maçador. Na formatação deve haver um bom espaçamento entre linhas para que não se torne confusa a leitura. O texto não deverá ser muito grande para que não tenha um aspeto grosseiro.

Na estrutura, é necessário ter em conta a forma como as coisas estão organizadas para que faça sentido a ligação entre os conteúdos, texto e imagem.

Alguns dos aspetos negativos a ter em conta são o uso de fotografias muito pequenas, pois não vão ter grande relevância, principalmente se estiverem inseridas em molduras que ainda lhes tiram mais o realce; o uso de mapas com um aspeto muito técnico também não é uma boa solução para a compreensão do percurso, no uso da cor é necessário ter a preocupação com os tons usados, para que não se torne agressivo visualmente. No texto, é importante ter em atenção a paginação, deixar as coisas devidamente explícitas, para que não seja uma leitura difícil e confusa.

Após esta análise, estão encontrados alguns fatores a ter em conta para semelhante utilização, como o tamanho das imagens, uso de dois tipos de mapas, um geral e um específico, com um grafismo que não seja difícil de compreender, cores equilibradas, que não sejam demasiado fortes para a visão como para a leitura. Uso moderado de texto para que não seja uma consulta maçadora e difícil de compreender, com um tipo de letra o mais simples possível e com um espaçamento entre linhas suficiente, de forma a evitar confusão na mudança de linha durante a leitura.

3.2 Formulação e validação da proposta

Considerando a problemática, foi necessário criar um argumento para a comunicação do território. O suporte escolhido foi o papel, como se fosse um pequeno livro, que permitisse ser usado em qualquer lugar, podendo o utilizador levá-lo consigo para cada rota. Inspirado nos guias tradicionais, tem no entanto algumas diferenças. O formato escolhido foi o quadrado (20 x 20 cm), para que seja fácil de transportar, tanto na mão como numa mochila. Tendo em conta o tamanho e o objetivo de ser transportável, seria possível reduzir o guia até à dimensão de bolso, no entanto, isso colocaria obstáculos à apresentação dos conteúdos, nomeadamente nas imagens, que necessitam de uma dimensão considerável para que o seu valor não seja minorizado. Assim, pensou-se num meio-termo que servisse as necessidades de utilização e transporte. Posteriormente ao suporte base de papel considera-se a hipótese de reproduzir uma versão semelhante em formato de aplicação de telemóvel, como uma alternativa mais versátil e adequada aos utilizadores mais jovens. Contudo, caso esse venha a revelar-se o passo seguinte à

conclusão do guia em formato de papel, o grafismo elaborado será baseado no que for produzido para este formato, mantendo os mesmos conteúdos e organização, mudando simplesmente o suporte.

Relativamente às imagens necessárias para a construção do guia, a decisão mais difícil de tomar foi a opção pela fotografia ou ilustração; o que traria mais vantagens no sentido de criar um objeto mais interessante, mais apelativo, que de facto criasse interesse nas pessoas. Após refletida essa questão, e com base no estudo desenvolvido anteriormente sobre estes dois recursos, pensou-se que a melhor solução passaria por combinar as duas abordagens e tirar partido do que têm de melhor. Assim, foi estipulado que a fotografia iria servir para comunicar o ambiente (paisagens), de forma a contextualizar cada rota, pela forma direta como a mensagem é transmitida através da fotografia. A ilustração ficou destinada à comunicação das espécies, procurando intensificar a expressão de cada animal ou planta, com um rigor que permitisse identificar facilmente cada espécie no percorrer das rotas, não sendo a fidelidade visual o principal foco, mas sim a intensidade e expressão que se pode extrair da ilustração, ao qual a fotografia não permite. As ilustrações produzidas, serão com base na fotografia, mesmo que o aspeto final não o demonstre, pois a ideia passa por tentar reproduzir um tipo de expressão, que combina o traço pessoal e a textura do material, produzindo assim algo único, que não se limite a ser só um registo fotográfico. Com base na análise dos guias feita anteriormente, considerando os casos em que a imagem é mais eficaz, a fotografia será usada em grande formato, não estando limitada a pequenas partes da página.

Com os mapas, pretende-se criar uma linguagem gráfica simples, que permita ao caminhante guiar-se com facilidade e de forma direta, ao longo dos percursos. É importante realçar que nas rotas existem sinaléticas de direção, sinaléticas essas que integram o guia, e por essa mesma razão os mapas são só um complemento de orientação. Dado o facto de alguns dos mapas dos guias analisados anteriormente serem muito técnicos e pouco intuitivos para amadores, pretende-se encontrar um equilíbrio visual, de forma a ser possível com o mapa o caminhante percorrer as rotas sem enganar, mas sem que perca muito tempo a tentar decifrar o caminho. Feitas as opções técnicas, foi necessário definir a estrutura em que a informação estaria disposta e posteriormente distribuída. É importante criar algum sentido, de forma a facilitar a consulta, para que com o folhear do guia se consiga perceber como está organizado, e posteriormente a uma primeira leitura, se possa procurar de uma maneira mais seletiva, mas ao mesmo tempo rápida. Este processo de estruturação foi algo que foi evoluindo ao longo do desenvolvimento do projeto e a estrutura foi sendo adaptada consoante foram detetadas falhas e o seu resultado estrutural será descrito mais adiante.

3.3 Desenvolvimento projetual

Após delineada a base do projeto, passou-se ao desenvolvimento com a recolha de conteúdos que permitissem montar um guia consistente. No processo de recolha de informação, foi necessário visitar as rotas para recolha de imagem fotográfica, mas também uma pesquisa no sentido de recolher o material existente sobre cada local. Estando tanto as ideias, como a informação organizada, deu-se início à fase mais demorada do processo de construir um guia: a ilustração das espécies integrantes na rota. Para além da contextualização do ambiente de cada local, o foco principal será o de representar a fauna e flora possíveis de avistar. É importante realçar que foi feita uma seleção de algumas espécies, que de certa forma se tenham revelado importantes, pela sua abundância ou pela sua raridade; contudo esta foi uma situação em que se procurou o equilíbrio: não se tratando de um projeto de um livro botânico ou algo semelhante, optou-se por não estarem representadas todas as espécies que realmente habitam nas rotas. No total foram ilustradas 65 espécies (fauna e flora), através de um longo processo de elaboração, que passou por uma pesquisa prévia e só depois, a sua concretização.

A fase inicial consistiu em perceber qual seria o melhor caminho para que a ilustração usada funcionasse, dando assim início a uma pesquisa relacionada com ilustração de espécies. A pesquisa feita foi no sentido de perceber que género de técnicas e materiais poderiam funcionar no guia a desenvolver, de forma a chegar a um resultado final que fosse apelativo à sua visualização.



Figura 06 - Autor - Gülşah Alçın



Figura 09 - Autor - Edward Christianto



Figura 07 - Autor - Elizabeth Younce

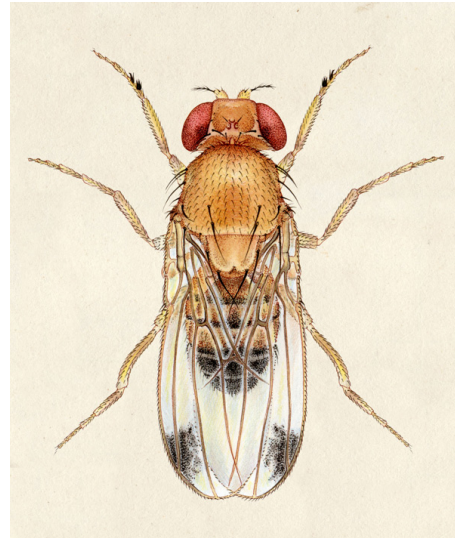


Figura 10 - Autor - Katy Wiedemann

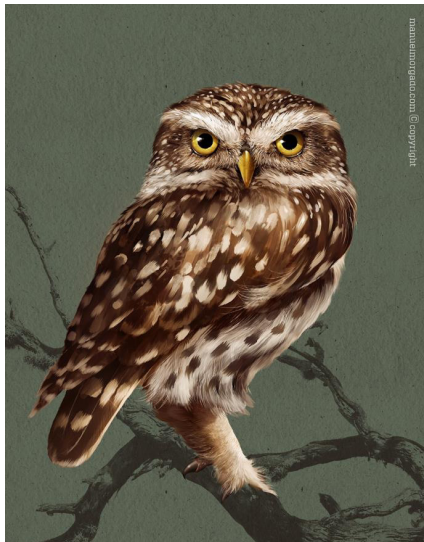


Figura 08 - Autor - Manuel Morgado



Figura 11 - Autor - Violaine & Jeremy

O conjunto de imagens apresentado serviu de base para uma reflexão que levou a determinar a forma de ilustrar final.

Considerando que o objetivo era comunicar a fauna e a flora, excluiu-se desde logo a representação minimalista, que dificultaria a identificação das espécies por parte do caminhante, por não ser um especialista. A hipótese de uma ilustração totalmente fiel e realista foi também abandonada; procurou-se, em alternativa, o equilíbrio entre o rigor, a fidelidade necessária para a identificação da espécie, e a expressividade proveniente do facto de se tratar de ilustração. Sendo claro o que não fazer, restava perceber que técnica/material iria contribuir para um melhor resultado final.

Tendo em conta o traço e a aptidão pessoal, foi desenvolvido um teste de ilustração digital e analógico, que acabou por resultar na combinação de ambas. O processo para conceber cada ilustração acabou por decorrer da seguinte forma:

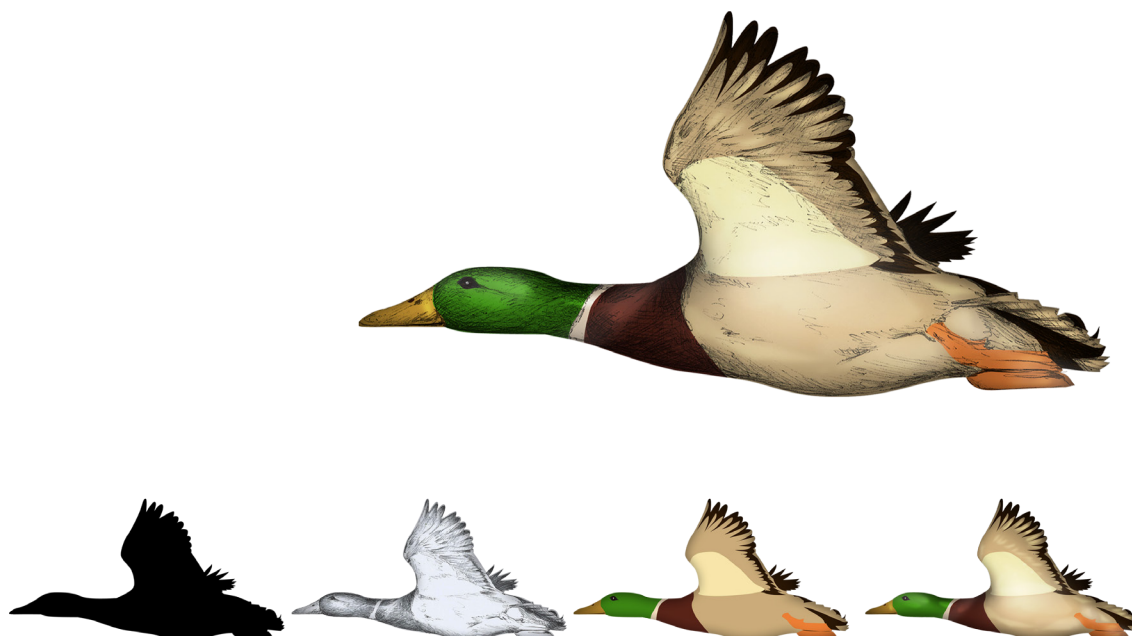
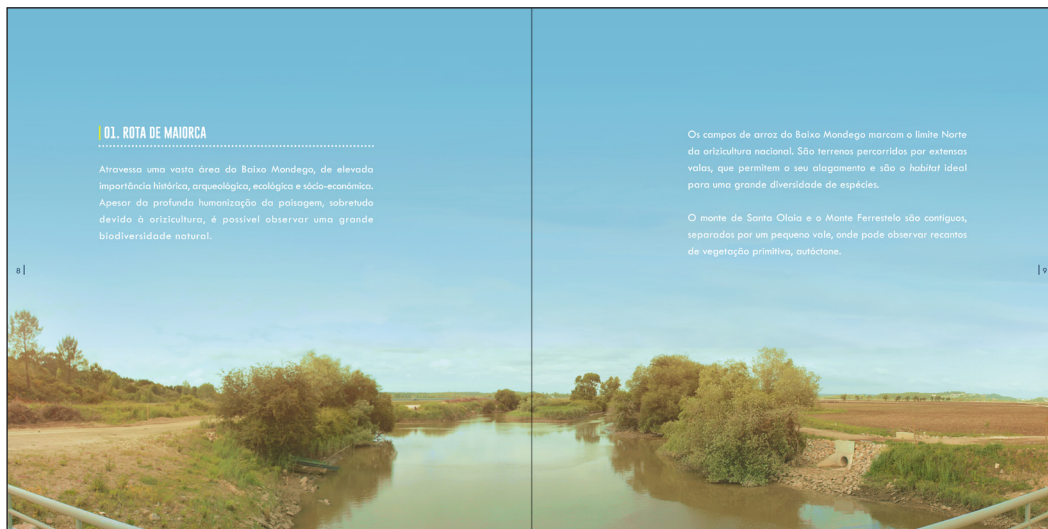


Figura 12 - Processo das Ilustrações

Primeiro, retirava-se de uma fotografia a silhueta da espécie que de seguida era impressa, servindo de orientação para o desenho manual desenvolvido com esferográfica. Após concluir o desenho, era feita a digitalização do mesmo, que posteriormente era vetorizado pelas áreas que tinham como base o mesmo tom de cor. Posto isto, a imagem era trabalhada digitalmente, com o uso do Photoshop, sendo a parte manual sobreposta com as áreas coloridas. Por fim, era dado volume à forma (espécie), através do desenho digital das sombras e das partes iluminadas. Todo este processo repetiu-se em todas as espécies de fauna e flora desenhadas.

Relativamente à fotografia, o objetivo principal passa por contextualizar o ambiente de cada rota, procurando assim captar paisagens que permitam perceber um pouco do que é possível observar na visita às rotas pedestres. O primeiro teste com a fotografia no guia passou por aplicá-la em meia página, estando de seguida a informação da rota ao qual a fotografia pertencia. Numa segunda versão do guia, a fotografia passou a ser aplicada em página inteira, com uma vista panorâmica. As fotografias utilizadas tiveram de ser ligeiramente modificadas para que na parte de cima pudessem estar sobrepostas com a informação do local. Foi usado uma imagem panorâmica por rota, com a respetiva informação sobreposta.



01. ROTA DE MAIORCA

Atravessa uma vasta área do Baixo Mondego, de elevada importância histórica, arqueológica, ecológica e sócio-económica. Apesar da profunda humanização da paisagem, sobretudo devido à arizicultura, é possível observar uma grande biodiversidade natural.

8 |

Os campos de arroz do Baixo Mondego marcam o limite Norte da arizicultura nacional. São terrenos percorridos por extensas valas, que permitem o seu alagamento e são o habitat ideal para uma grande diversidade de espécies.

O monte de Santa Olalá e o Monte Ferretelo são contíguos, separados por um pequeno vale, onde pode observar recantos de vegetação primitiva, autóctone.

| 9

Figura 13 - Fotografia Panorâmica da Rota de Maiorca



02. ROTA DE SEIÇA

Os campos de arroz, sobretudo no seu período de maior produtividade, são um exemplo típico do modo como a intervenção humana pode contribuir para o embelezamento da paisagem. Estes terrenos de arizicultura percorridos por extensas valas, que contribuem para o seu alagamento, são o habitat ideal para uma grande diversidade de espécies.

34 |

O MOSTEIRO DE STA. MARIA DE CEIÇA

A mais antiga referência ao mosteiro de Santa Maria de Ceíça, data de 1162 e faz referência à presença do seu abade D. Martinho aquando da outorgação da carta de isenção dos direitos episcopais dada aos cruzados pelo Bispo D. Miguel Salamá. Em 1175, o Mosteiro recebe de D. Afonso Henriques

carta de couto e o seu filho D. Sancho I, em 1195, filia a unidade de Seiça a Alcobaga. Localizada junto à ribeira de Seiça, num espaço rural de harmonia e de paz, durante vários séculos, o complexo monástico desempenhou um importante papel na reorganização territorial e social das povoações do estuário do Mondego, sobretudo em termos agrícolas.

A CAPELA DA NOSSA SENHORA DE CEIÇA

Localiza-se nas imediações do Mosteiro. Com uma planta octogonal e uma colunata envolvente de colunas dóricas.

| 35

Figura 14 - Fotografia Panorâmica da Rota de Seiça



03. ROTA DA BOA VIAGEM

PATRIMÓNIO GEOLÓGICO DO CABO MONDEGO

No flanco ocidental da Serra da Boa Viagem (Cabo Mondego) aflora uma espessa série de sedimentos, que registam, de forma notável, alguns dos principais acontecimentos da História da Terra. O intervalo de tempo registado situa-se aproximadamente entre os 180 e os 140 milhões de anos, isto é, refere-se ao Jurássico Médio e Superior.

A História Geológica do nosso país durante os tempos Jurássicos está inscrita nas falésias do Cabo Mondego. Este património natural, com reconhecido valor científico e didáctico, a nível

nacional e internacional, carece de uma protecção adequada, de forma a impedir que o avanço da exploração de calcário e o vandalismo ponham em risco a sua integridade. Preserva-a porque ela não se repete.

MAR, SERRA E DUNAS

A Serra da Boa Viagem é um acidente orográfico com um papel ecológico importante, uma vez que determina, a nível do Baixo Mondego, a existência de um conjunto de condições microclimáticas específicas e funciona como um espelho natural, que contribuirá para reter os processos de erosão a Norte. O percurso alia magníficas paisagens a uma riqueza natural e geológica. Ao longo do caminho encontramos alguns exemplares.

Figura 15 - Fotografia Panorâmica da Rota da Boa Viagem



04. ROTA DO MEGALITISMO

Nesta rota pode-se observar o Dólmen das Caniçosas (sepultura pré-histórica) com cerca de 5000 anos integrada numa necrópole com mais duas dezenas de monumentos.

FLORA

Ao longo da rota podem observar uma grande diversidade de espécies arbóreas. Em determinadas zonas, a vegetação

constitui aquilo a que se chama maquis, ou seja, uma associação vegetal que forma um matagal denso, típico de terras siliciosas mediterrânicas, mas também plantas herbáceas, cujas flores podem ser observadas preferencialmente na Primavera.

FAUNA

Ao longo da rota, podem ser observados vestígios da presença de espécies de interesse cinegético. Poderá também seguir o voo de uma ave de rapina de tamanho médio, com asas e cauda compridas, frequentemente vista a planar.

Figura 16 - Fotografia Panorâmica da Rota do Megalitismo



05. ROTA DAS SALINAS

O percurso percorre as salinas do grupo de Lavos, localizadas na margem sul do Mondego. A arte do salgadão, prodígio da obra humana, criou na paisagem uma magnífica geometria de formas exemplares que decalou ao longo dos anos sendo hoje objecto de um projecto de reanimação centrado no Eco Museu do Sal. A transformação, abandono ou destruição de salinas, importante habitat de alimentação e de nidificação, deixa as espécies em muitos casos, sem habitats alternativos.

Figura 17 - Fotografia Panorâmica da Rota das Salinas

No que diz respeito aos mapas, foram redesenhados de forma a tentar melhorar a comunicação e a perceção do percurso, procurando uma linguagem visual que fosse apelativa e que se relacionasse com o restante guia de forma intuitiva e não forçada.



Figura 18 - Mapa já existente da Rota de Maiorca



Figura 18 - Mapa Rota de Maiorca (redesenhado)

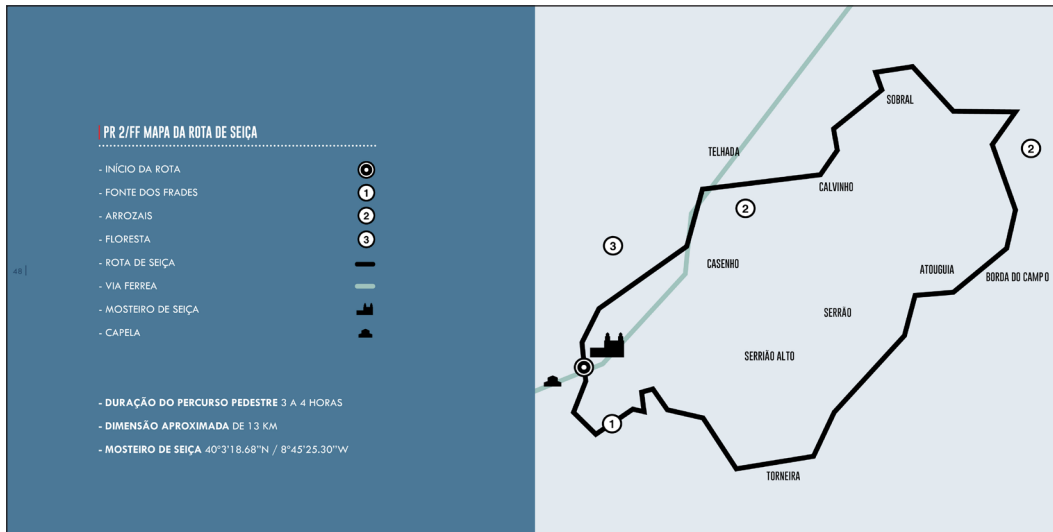


Figura 19 - Mapa Rota de Seiça (redesenhado)



Figura 20 - Mapa Rota da Boa Viagem (redesenhado)

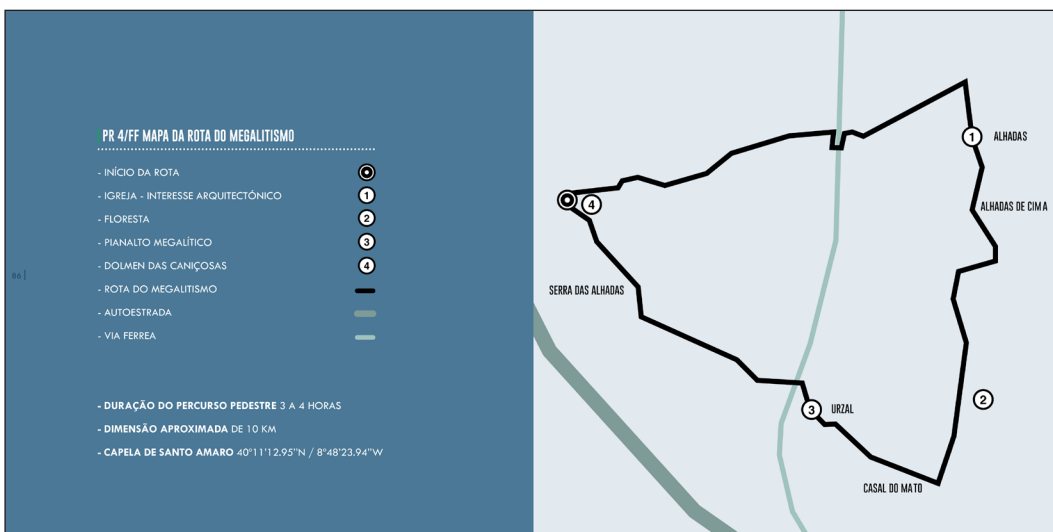


Figura 21 - Mapa Rota do Megalitismo (redesenhado)



Figura 22 - Mapa Rota das Salinas (redesenhado)

O guia encontra-se organizado da seguinte forma:

Capa, composta com imagem de fundo, sobreposta com o título, nome das rotas e uma linha/moldura. De seguida, no interior encontra-se uma descrição sobre a finalidade do guia, do lado esquerdo e do lado direito o índice. Nas duas páginas seguintes encontra-se um mapa geral da figueira, com o nome de cada localidade, onde estão assinaladas as rotas. Posteriormente vem as recomendações e cuidados a ter aos caminhantes e a sinalética que serve de orientação nas rotas, com a devida descrição. Seguidamente vem a parte das rotas, encontrando se todas organizadas da mesma maneira, estando nas duas primeiras páginas a descrição da rota com uma fotografia de fundo, nas páginas seguintes algumas das espécies possíveis de avistar na rota em questão, estando uma por página, acompanhada de uma descrição e na parte final da rota encontra se o mapa. A seguir às rotas encontra-se uma página com alguns contactos que poderão ser úteis.

No entanto, foram necessários realizar alguns testes até chegar a esta solução, sendo o principal problema perceber qual o tamanho necessário, para dar a devida importância às imagens. Sendo a evolução um bocado lógica, tanto as fotografias como as ilustrações, foram desde um tamanho miniatura, na primeira versão do guia, para uma dimensão de página inteira.

Relativamente à cor, o tom de azul predomina em todo o guia, por ser uma cor ligada ao céu, também porque o tom escolhido consegue estar presente de forma discreta, sendo agradável à visão, não dificultando a leitura.

A tipografia escolhida são duas fontes não-serifadas, sendo uma mais carregada, destinada aos títulos mais relevantes, e outra mais leve destinada ao texto, para que a leitura não seja algo forçado à vista. A escolha da tipografia, foi feita com

base nas conclusões tiradas da análise dos guias. A quantidade de texto também não é excessiva, sendo fácil de seleccionar o que se pretende ler. Houve de facto uma preocupação em tentar comunicar essencialmente por imagem, sendo o texto quase um complemento. Ao todo o guia tem cento e quatro páginas, sendo maioritariamente composto por imagens.



Figura 23 - Capa

<p>Este guia tem como finalidade dar a conhecer alternativas de lazer ao centros urbanos e locais tipicamente turísticos pelo qual a Figueira da Foz é conhecida. O concelho possui um vasto território de ambientes naturais, ecossistemas, biótopos e habitats muito ricos e diversificados, que podem ser explorados. Através das rotas pedestres sinalizadas é possível entrar em contacto com este ambiente saudável, conhecer um pouco mais do que a região tem para oferecer e passar um momento agradável convivendo ao ar livre.</p>	<p>ÍNDICE</p> <hr style="border-top: 1px dotted #000;"/> <table border="0"> <tr> <td>LOCALIDADES DA FIGUEIRA DA FOZ</td> <td style="text-align: right;">4</td> </tr> <tr> <td>RECOMENDAÇÕES E CUIDADOS AOS CAMINHANTES</td> <td style="text-align: right;">6</td> </tr> <tr> <td>SINALÉTICA</td> <td style="text-align: right;">7</td> </tr> <tr> <td> 01. ROTA DE MAIORCA</td> <td style="text-align: right;">8</td> </tr> <tr> <td> PR 1/FF MAPA DA ROTA DE MAIORCA</td> <td style="text-align: right;">32</td> </tr> <tr> <td> 02. ROTA DE SEIÇA</td> <td style="text-align: right;">34</td> </tr> <tr> <td> PR 2/FF MAPA DA ROTA DE SEIÇA</td> <td style="text-align: right;">48</td> </tr> <tr> <td> 03. ROTA DA BOA VIAGEM</td> <td style="text-align: right;">50</td> </tr> <tr> <td> PR 3/FF MAPA DA ROTA DA BOA VIAGEM</td> <td style="text-align: right;">60</td> </tr> <tr> <td> 04. ROTA DO MEGALITISMO</td> <td style="text-align: right;">62</td> </tr> <tr> <td> PR 4/FF MAPA DA ROTA DO MEGALITISMO</td> <td style="text-align: right;">86</td> </tr> <tr> <td> 05. ROTA DAS SALINAS</td> <td style="text-align: right;">88</td> </tr> <tr> <td> PR 4/FF MAPA DA ROTA DAS SALINAS</td> <td style="text-align: right;">100</td> </tr> <tr> <td>CONTACTOS ÚTEIS</td> <td style="text-align: right;">103</td> </tr> </table>	LOCALIDADES DA FIGUEIRA DA FOZ	4	RECOMENDAÇÕES E CUIDADOS AOS CAMINHANTES	6	SINALÉTICA	7	01. ROTA DE MAIORCA	8	PR 1/FF MAPA DA ROTA DE MAIORCA	32	02. ROTA DE SEIÇA	34	PR 2/FF MAPA DA ROTA DE SEIÇA	48	03. ROTA DA BOA VIAGEM	50	PR 3/FF MAPA DA ROTA DA BOA VIAGEM	60	04. ROTA DO MEGALITISMO	62	PR 4/FF MAPA DA ROTA DO MEGALITISMO	86	05. ROTA DAS SALINAS	88	PR 4/FF MAPA DA ROTA DAS SALINAS	100	CONTACTOS ÚTEIS	103
LOCALIDADES DA FIGUEIRA DA FOZ	4																												
RECOMENDAÇÕES E CUIDADOS AOS CAMINHANTES	6																												
SINALÉTICA	7																												
01. ROTA DE MAIORCA	8																												
PR 1/FF MAPA DA ROTA DE MAIORCA	32																												
02. ROTA DE SEIÇA	34																												
PR 2/FF MAPA DA ROTA DE SEIÇA	48																												
03. ROTA DA BOA VIAGEM	50																												
PR 3/FF MAPA DA ROTA DA BOA VIAGEM	60																												
04. ROTA DO MEGALITISMO	62																												
PR 4/FF MAPA DA ROTA DO MEGALITISMO	86																												
05. ROTA DAS SALINAS	88																												
PR 4/FF MAPA DA ROTA DAS SALINAS	100																												
CONTACTOS ÚTEIS	103																												

Figura 24 - Apresentação do Guia + Índice

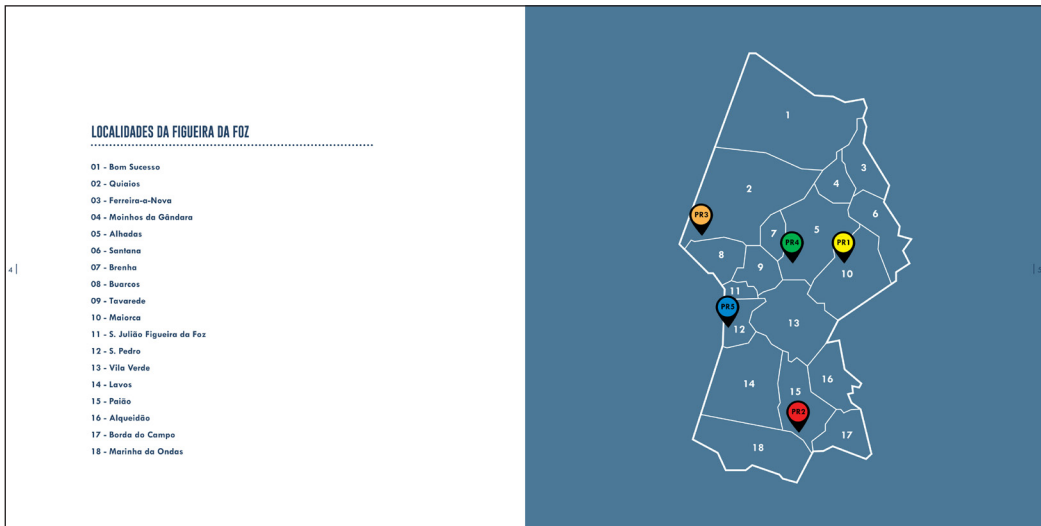


Figura 25 - Localidades + mapa geral da Figueira da Foz

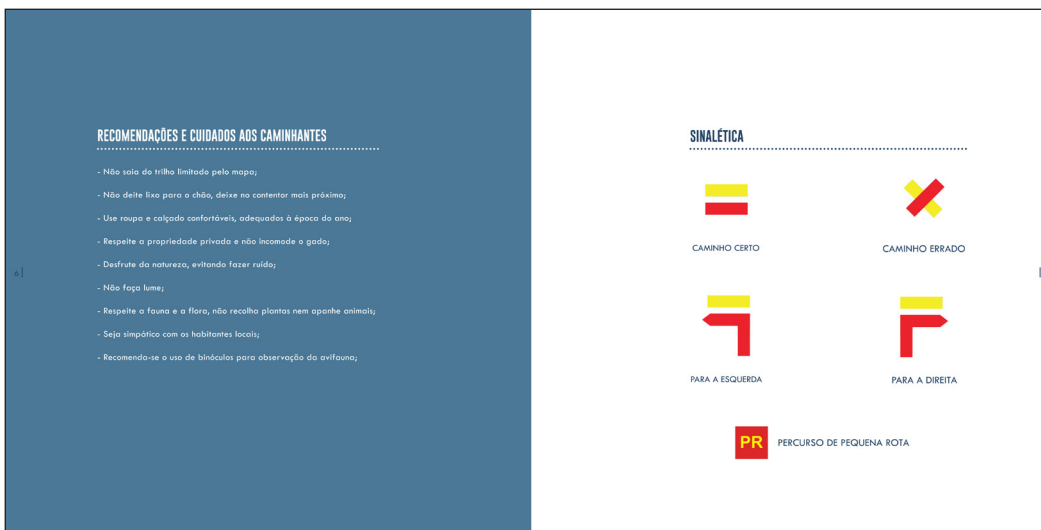


Figura 26 - Recomendações + Sinalética

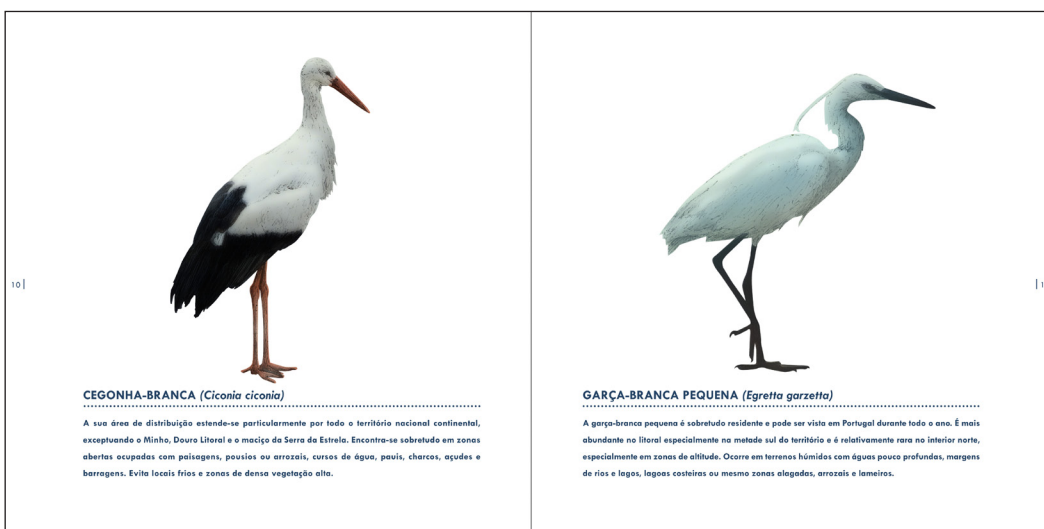


Figura 27 - Espécie + Descrição (repetindo-se esta disposição para todas)

3.4 Estratégias de Comunicação

Com base no trabalho desenvolvido, está a ser negociada com a Câmara Municipal da Figueira da Foz a possibilidade de produção do guia. Como referido anteriormente, existe a possibilidade de se produzir futuramente uma versão em formato de aplicação para telemóvel. A entidade referida revelou interesse pelo trabalho desenvolvido, transmitindo também a ideia de que por vezes há quem os procure a pedir informação e que de facto falta esse suporte, tendo sido esta proposta muito bem recebida. O passo seguinte, após a aprovação que se espera que se realize, passa por fazer algumas alterações com os responsáveis escolhidos pela Câmara, mais entendidos na matéria das rotas pedestres, para uma revisão de conteúdos antes da produção final.

4 Considerações finais

4.1 Limitações e aspetos a melhorar

Uma das dificuldades na elaboração deste guia esteve na escolha das espécies de fauna e flora: perceber as que são indispensáveis ou dispensáveis, sendo necessária uma seleção do que poderá despertar maior interesse ao caminhante ou não. Tendo este ponto em consideração um dos aspetos possíveis de melhorar numa versão futura é a integração de outras espécies que se possam revelar pertinentes a estarem presentes no guia. Outro aspeto possível de melhorar são os mapas, pois não se encontra discriminado o declive dos terrenos em algumas das rotas, podendo iludir o caminhante sobre o grau de dificuldade do percurso. Também os conteúdos referidos em cada rota deverão vir a ser melhorados. Apesar dos vários aspetos que consideramos poderem ser melhorados, este é um projeto que julgamos corresponder ao objetivo a que nos propusemos, embora assumindo a perspectiva de trabalho em evolução.

4.2 Perspetivas de trabalho futuro

Não foi possível testar este projeto junto do público, mas esse seria evidentemente o próximo passo. Para a validação, tanto de conteúdos como de grafismo, é fundamental conhecer a reação das pessoas. Caso a Câmara Municipal decida investir neste guia, será o momento consequente.

Com este projeto é possível deixar todo um leque de possibilidades em aberto, desde que haja alguém interessado em investir, mesmo que não seja financeiramente, que tenha disponibilidade para poder dar algo de si às rotas pedestres. A partir do que está feito, como referido anteriormente é possível desenvolver uma aplicação móvel que permita ter uma versão digital do guia. É possível também a intervenção por parte de outras áreas, como a de animação – com a possibilidade de desenvolver atividades lúdicas –, ou a restauração – com a criação de pontos de descanso e lazer em cada rota.

Resumidamente existe um diverso leque de possibilidades relacionadas com atividades ao ar livre, permitindo a todos os interessados de expandir esta ideia de promover o património cultural e ecológico da Figueira da Foz.



Figura 28 - Espécies Desenhadas 1



Figura 29 - Espécies Desenhadas 2

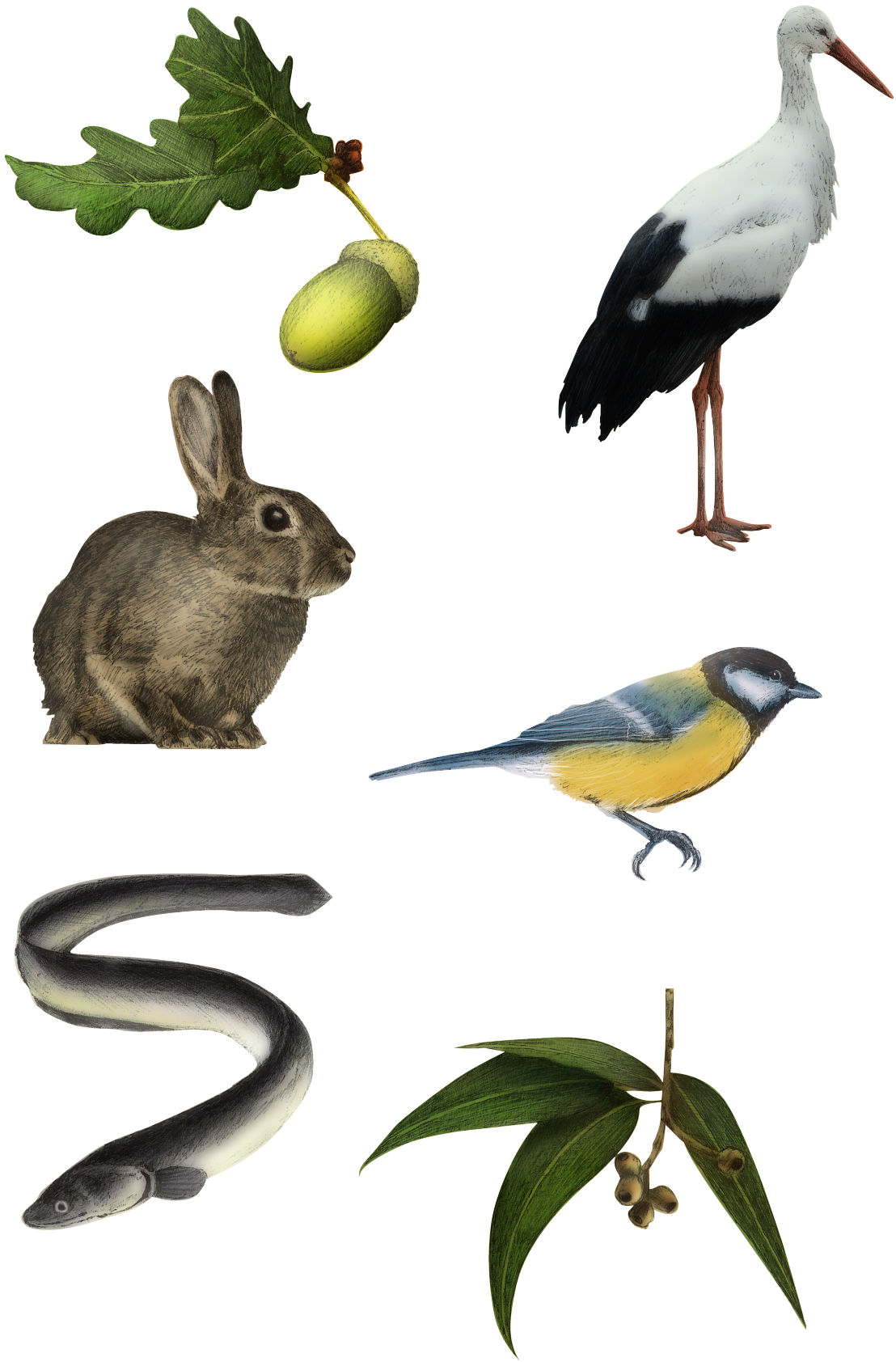


Figura 30 - Espécies Desenhadas 3



Figura 31 - Espécies Desenhadas 4



Figura 32 - Espécies Desenhadas 5



Figura 33 - Espécies Desenhadas 6



Figura 34 - Espécies Desenhadas 7



Figura 35 - Espécies Desenhadas 8



Figura 36 - Espécies Desenhadas 9

5 Bibliografia

António, V. (2010) – Comunicação Autarquia – Disponível em: <http://comunicacaoautarquia.blogspot.pt/2010/05/marketing-territorial.html>, acesso a 22 de Outubro 2015.

Casa do Sal – Quem somos? – Disponível em: <http://www.casadosal.pt/p/quem-somos.html>, acesso a 14 de Maio 2015.

cm-figfoz – Parque Florestal da Serra da Boa Viagem – Disponível em: <http://www.cm-figfoz.pt/index.php/onde-ir/patrimonio-natural/367-visitar/onde-ir/patrimonio-natural/873-serra-boa-viagem>, acesso a 14 de Maio 2015.

Fabulous Noble – Illustration vs Photography – Disponível em: http://www.fabulous-noble.com/news/feature_illustration_vs_photography, acesso a 20 de Outubro 2015.

Freguesia de Maiorca – Turismo – Disponível em: <http://www.freguesiademaiorca.pt/>, acesso a 13 de Maio 2015.

Guia da Cidade – Figueira da Foz – Disponível em: <http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-figueira-da-foz-16469>, acesso a 15 de Maio 2015.

Guia da Cidade – Salinas da Figueira da Foz – Disponível em: <http://www.guiadacidade.pt/pt/poi-salinas-da-figueira-da-foz-16468>, acesso a 13 de Maio 2015.

NICBIO – O que é Ilustração Científica? – Disponível em: http://nicbio.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=7, acesso a 24 de Outubro 2015.

Rodrigues, L. (2013) – A função da comunicação na imagem de cidades e territórios – Disponível em: <http://luispaulorodrigues.blogspot.pt/2013/03/a-comunicacao-de-cidades-e-territorios.html>, acesso a 15 de Maio 2015.

Rotas Figueira – Disponível em: www.rotasfigueira.com, acesso a 14 de maio 2015.

Buchanan, R. (1992). Wicked Problems in Design Thinking. Design Issues 8. No. 2.

Buchanan, R. Margolin, V. (1995). Wicked Problems in Design Thinking, MIT Press, London.

Castro, D. (2012). Imagens do Porto: Os Guias Turísticos de 1864 a 2011. Departamento de Economia. Gestão de Engenharia Industrial. Universidade de Aveiro.

Cavalcanti, P., Andrade, M., Silva, G. (2009). Caderno de estudos avançados em design sustentabilidade II. EdUEMG.

Cecílio, T. (2012). Guia de Identificação Invertebrados Marinhos da Baía de Buarcos. Departamento de Ciências da Vida. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra.

DiSalvo, C. (2009). Design and the Construction of Publics. Massachusetts Institute of Technology.

Flores, A. (2012). Design, Território e Tecnologia 3D na preservação cultural em suporte material sustentável: estudo de caso do monumento “O Laçador”. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

Frascara, J. (2004). Communication Design, Principles, Methods, and Practice. Allworth Press.

Gaio, S., Gouveia, L., (2007) O Branding Territorial: uma abordagem mercadológica à Cidade. Revista A Obra Nasce. Edições UFP. ISSN 1645-8729, pp 27-36.

Guilford, J. P. (1987). Creativity Research Past, Present and Future. In Isaksen, S.G. (Ed.). Frontiers of creativity research: Beyond the basics (pp.33-65). Buffalo, Ny: Bearly Limited.

Julier, G. (2008). The culture of Design. SAGE Publications. Londres.

Landa, R. (2011, 2006, 2001). Graphic Design Solutions. Wadsworth Cengage Learning.

Male, A. (2007). Illustration, A Theoretical & Contextual Perspective. AVA Publishing SA.

Pena, A. (2004). Figueira da Foz. Um roteiro natural do concelho. Câmara Municipal da Figueira da Foz.

Ruivo, P. (2008). Atractividade dos territórios rurais - contributos de uma orientação estratégica de marketing. Escola Superior Agrária de Santarém. Colóquio Ibérico de Estudos Rurais.

Ruivo, P. (2008). Amenidades rurais – Que contributo? Estudo de caso em territóri-

os rurais. Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER). SPER / Universidade do Algarve, Faro.

Silva, G. (2005). Design 3D em tecelagem jacquard como ferramenta para a concepção de novos produtos : aplicação em acessórios de moda. Universidade do Minho.

Silva, T. (2013). Objectivação e Interpretação: Para uma Leitura do Território. IS-CTE-IUL / DINÂMIA'CET-IUL, Portugal.

Wielewicki, P. (2010). Visões compartilhadas: territórios em diálogo com o design estratégico. Departamento de Comunicação e Arte. Universidade de Aveiro.

Zeegen, L. (2005, 2007). Complete Digital Illustration. RotoVision SA.

Zeegen, L. (2005). The fundamentals of illustration. AVA Publishing SA.

Zeegen, L. (2009). What is Illustration?. RotoVision SA.



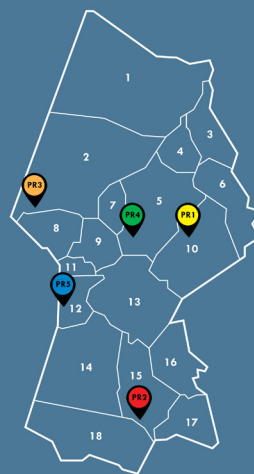
Este guia tem como finalidade dar a conhecer alternativas de lazer ao centros urbanos e locais tipicamente turísticos pelo qual a Figueira da Foz é conhecida. O concelho possui um vasto território de ambientes naturais, ecossistemas, biótopos e habitats muito ricos e diversificados, que podem ser explorados. Através das rotas pedestres assinaladas é possível entrar em contacto com esse ambiente saudável, conhecer um pouco mais do que a região tem para oferecer e passar um momento agradável convivendo ao ar livre.

ÍNDICE

LOCALIDADES DA FIGUEIRA DA FOZ	4
RECOMENDAÇÕES E CUIDADOS AOS CAMINHANTES	6
SINALÉTICA	7
01. ROTA DE MAIORÇA	8
PR 1/FF MAPA DA ROTA DE MAIORÇA	32
02. ROTA DE SEIÇA	34
PR 2/FF MAPA DA ROTA DE SEIÇA	48
03. ROTA DA BOA VIAGEM	50
PR 3/FF MAPA DA ROTA DA BOA VIAGEM	60
04. ROTA DO MEGALITISMO	62
PR 4/FF MAPA DA ROTA DO MEGALITISMO	86
05. ROTA DAS SALINAS	88
PR 4/FF MAPA DA ROTA DAS SALINAS	100
CONTACTOS ÚTEIS	103

LOCALIDADES DA FIGUEIRA DA FOZ

- 01 - Bem Sucesso
- 02 - Quisios
- 03 - Ferreira-a-Nova
- 04 - Moinhos da Gândara
- 05 - Alhadás
- 06 - Santana
- 07 - Brenha
- 08 - Buarcos
- 09 - Tavarade
- 10 - Maiorça
- 11 - S. Julião Figueira da Foz
- 12 - S. Pedro
- 13 - Vila Verde
- 14 - Lavas
- 15 - Palão
- 16 - Alqueidão
- 17 - Borda do Campo
- 18 - Marinha da Ondas



RECOMENDAÇÕES E CUIDADOS AOS CAMINHANTES

- Não saia do trilho limitado pelo mapa;
- Não deite lixo para o chão, deixe no contentor mais próximo;
- Use roupa e calçado confortáveis, adequados à época do ano;
- Respeite a propriedade privada e não incomode o gado;
- Desfrute da natureza, evitando fazer ruído;
- Não faça lume;
- Respeite a fauna e a flora, não recolha plantas nem apanhe animais;
- Seja simpático com os habitantes locais;
- Recomenda-se o uso de binóculos para observação da avifauna;

SINALÉTICA



CAMINHO CERTO



CAMINHO ERRADO



PARA A ESQUERDA



PARA A DIREITA



PERCURSO DE PEQUENA ROTA



CEGONHA-BRANCA (*Ciconia ciconia*)

A sua área de distribuição estende-se particularmente por todo o território nacional continental, excepluando o Minho, Douro Litoral e o maciço da Serra da Estrela. Encontra-se sobretudo em zonas abertas ocupadas com paisagens, pousios ou arrozais, cursos de água, pauis, charcos, açudes e barragens. Evita locais frios e zonas de densa vegetação alta.



GARÇA-BRANCA PEQUENA (*Egretta garzetta*)

A garça-branca pequena é sobretudo residente e pode ser vista em Portugal durante todo o ano. É mais abundante no litoral especialmente na metade sul do território e é relativamente rara no interior norte, especialmente em zonas de altitude. Ocorre em terrenos húmidos com águas pouco profundas, margens de rios e lagoas, lagoas costeiras ou mesmo zonas alagadas, arrozais e lameiros.



GARÇA-BOEIRA (*Bubulcus ibis*)

A sua distribuição em Portugal Continental estende-se no Inverno a todo o País recuando para o metade sul durante a época de reprodução. Esta garça é a mais terrestre de todas, surgindo muitas vezes longe de água, associada ao gado bovino, equino e ovino ou acompanhando as máquinas agrícolas. Procura alimento, de um modo geral em espaços secos, campos de cultivo, podendo, no entanto, ser encontrada nas margens de lagoas e pântanos. É capaz de subsistir em zonas secas, sem nenhuma água, durante um espaço de tempo relativamente longo.



MILHAFRE-PRETO (*Milvus migrans*)

Em Portugal distribui-se por quase todo o país, estando no entanto praticamente ausente no Minho, Douro Litoral, Estremadura e da zona sul do Algarve. O milhafre-preto frequenta um leque diverso de habitats, aparecendo principalmente associado a massas de água, grandes rios e albufeiras, mas também em zonas florestais pouco densas, nomeadamente montados de sobre e azinho, pinhais dispersos, vales e outros terrenos planos, buscando alimento em culturas agrícolas, pousios, pastagens, terrenos lavrados, matos baixos e também nas imediação de zona humanizadas.

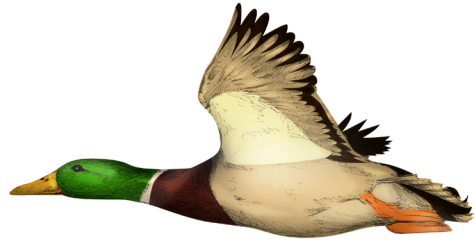
14 |



ALVÉOLA-BRANCA (*Motacilla alba*)

Surge em todo o território de Portugal, onde está presente durante todo o ano, sendo mais comum no norte do país. Durante a passagem outonal e no inverno a população reforça-se com a chegada de aves de passagem e invernantes. Prefere as proximidades dos campos abertos, prados, margens fluviais e lacustres, no caso das ilhas surge frequentemente à beira-mar, com mais frequência no Verão avistável em parques e jardins e nas proximidades das povoações.

| 15



PATO-REAL (*Anas platyrhynchos*)

Em Portugal o pato-real é sobretudo uma espécie residente, nidificando, entre Março e Julho, de norte a sul do país, sendo porém mais abundante nas principais bacias hidrográficas portuguesas, nas barragens e açudes a sul do rio Tejo. Ocupa praticamente todo o tipo de habitats aquáticos desde lagoas costeiras, barragens, açudes e valos de rega até ribeiros, rios paus, arrozais, ETAR's e parques urbanos, preferindo essencialmente zonas de águas pouco profundas.

16 |



ENGUIA (*Anguilla anguilla*)

A enguia é um peixe serpentiniforme, que vive grande parte da sua vida em água doce, migrando para o mar para se reproduzir. As larvas são chamadas leptocéfalos e podem nadar grandes distâncias desde o local de nascimento até ao rio onde vão se desenvolver.

| 17



ACHIGÃ (*Micropterus salmoides*)

O achigã é originário do sul do Canadá e norte dos Estados Unidos da América e foi introduzido na Europa no final do século XIX. Caracteriza-se como um peixe de águas temperadas ou pouco frias, habitando em locais com vegetação aquática nas albufeiras e lagoas, aparecendo também em alguns troços médios e inferiores dos rios, e habitualmente vive solitário ou em pequenos grupos.

18 |



BARBO (*Barbus bocagei* L.)

É uma espécie autóctone da Península Ibérica. Tem preferência pelas mais fundas e rápidas correntes de rio com fundos de pedra ou gravilha. Alimenta-se maioritariamente de invertebrados, como pequenos crustáceos, larvas de insectos e moluscos. O habitat preferido apresenta áreas com elevada cobertura ripária de cursos de água permanentes com marcas características lólicas (com correntezas) e reduzida instabilidade hídrica. O barbo-comum tem preferência por troços mais profundos, com mais oxigénio e substrato fino.

| 19



LONTRA (*Lutra lutra*)

Portugal é quase um caso isolado na distribuição e abundância da lontra, uma vez que apresenta uma população distribuída regularmente pelo território e nua situação de relativa abundância. Associada a zonas húmidas, podemos encontrar a lontra em águas continentais (como rios, ribeiras, paus, lagoas e albufeiras), em estuários e também, nalguns pontos do litoral marinho. Vales remotos e sossegados, praias desertas rodeadas por costas rochosas escarpadas ou, ainda, lagoas de altitude são locais de potencial ocorrência de lontra.

20 |



GINETA (*Genetta genetta*)

Presente em todo o território. Associada a zonas húmidas, podemos encontrar a lontra em águas continentais. Espécie trepadora ocupa uma grande variedade de habitats, desde florestas de caducifólias e mistas, a zonas rochosas. As zonas com matagal perto de cursos de água são também habitats preferenciais. Evita habitats abertos, mas não é raro encontrar-se em terras agrícolas ou aldeias próximas.

| 21



TEXUGO (*Meles meles*)

Em Portugal, a espécie existe em todo o território continental, sendo considerada relativamente abundante, apesar da escassez de informação biológica e ecológica sobre a sua situação no nosso país. O texugo pode habitar em áreas muito diferentes. Os texugos são mais abundantes em zonas com algum relevo e heterogêneas do ponto de vista paisagístico, com grande variedade de biótopos (como florestas caducifólias e mistas, matagais, sebes e terrenos agrícolas, margens de ribeiros) que lhes proporcionam uma maior disponibilidade de recursos e abrigos.

22 |



RAPOSA-VERMELHA (*Vulpes vulpes*)

Em Portugal está presente em todo o país. A sua adaptação aos diversos habitats é limitada permitindo-lhe ocupar proficilmente todos os disponíveis, desde as zonas costeiras até às de montanha. Tem preferência por mosaicos de áreas agrícolas com zonas mais fechadas (matagais e florestas) que lhe proporcionem zonas de caça, abrigo e reprodução.

| 23



SALGUEIRO (*Salix* sp.)

Distribui-se pelas regiões do Centro e do Sul do país, com excepção do Algarve. O nome salix parece proceder do celta e quereria dizer: próximo da água. Espécie nativa de zonas temperadas ocorre em locais húmidos, solos aluviais, arenosos ou areno-argilosos ricos em nutrientes, pode ocorrer em zonas calcárias e não resiste às temperaturas extremas.

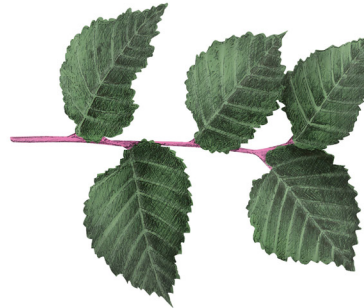
24 |



FREIXO (*Fraxinus angustifolia* Vahl)

É espontânea em todo o território nacional. Encontra-se nas margens de rios e em outros locais frescos, onde a água freática se encontra próxima da superfície. Suporta grandes amplitudes térmicas. Pode encontrar-se tanto em solos calcários como solos siliciosos. É indiferente ao pH, necessitando de um solo fresco e com um certo grau de humidade.

| 25



ULMEIRO (*Ulmus minor* Mill.)

Distribuem-se espontaneamente por todo o país. Ocorre em situações relativamente afastadas do leito, mas onde o nível freático é elevado; surge em solos de ligeiramente secos a frescos, profundos e de preferência argilosos e ricos em nutrientes, no entanto, tolera todo o tipo de solos. Suporta amplitudes térmicas significativas.

26 |



AMEIRO (*Alnus glutinosa* L.)

Em Portugal, o amieiro pode ser encontrado em quase todo o território com prevalência na região norte e centro, em zonas ribeirinhas. Características de regiões de clima temperado húmido ocorre nas margens de rios e ribeiras, veigas, sítios inundados e húmidos. Embora possam crescer em locais mais secos, não viverão tanto tempo. Ocorre dos 0 aos 1300m. Prefere solo ácido ou neutro. Necessita de humidade permanente. Suporta grandes variações de temperatura (-30 a 40°C) e tolera bastante os ventos marítimos.

| 27



LOUREIRO (*Laurus nobilis*)

Sebes e bosques sublitorais, sob clima ameno, sem geadas prolongadas. Ocorre até aos 900m. É indiferente ao pH, necessitando de solos húmidos, soltos e férteis. Espécie de semi-sombra. Necessita de precipitações ou rega nos meses de verão. Resiste moderadamente ao frio, mas mais dificilmente a ventos fortes frios. Não se dá bem com excessiva exposição marítima. É uma árvore altamente resistente a pragas e doenças.

28 |



CARVALHO-CERQUINHO (*Quercus faginea*)

É uma espécie do género *Quercus*. Estes carvalhos são árvores de folha caduca ou, mais concretamente, árvores de folha marcescente (folha que seca sem desprender do eixo, caindo tardiamente), com porte mediano, muito ramificado, como copa ampla, folhas dentadas na margem e mais claras na página inferior e com a glande (botola) sem pedúnculo.

| 29



MEDRONHEIRO (*Arbutus unedo* L.)

A sua área de distribuição inclui todo o território de Portugal continental. No nosso país, as maiores manchas situam-se nas Serras de Monchique e Caldeirão. É u espécie que aparece consociado, particularmente, ao sobreiro e à azinheira, ocorrendo nos montados e em zonas de matos resultantes da sua degradação. Crescem tanto em solos ácidos como alcalinos mas preferem que sejam profundos e frescos. Aparecem até aos 1200m de altitude. O seu clima favorito é suave e sem geadas fortes.

30 |



ADERNO (*Phillyrea latifolia* L.)

Encontra-se distribuída por quase todo o território. Espécie pouco tolerante aos frios inverniais e indiferente à natureza do solo. Ocorre na floresta mediterrânea ou matos altos de substituição e ambientes com alguma humidade. Prefere clima ameno e ensolarado.

| 31



GILBARDEIRA (*Ruscus aculeatus* L.)

Em Portugal, distribui-se por quase todo o país, continente e arquipélago dos Açores. Todo o tipo de terrenos, mas prefere os locais frescos e sombrios, não aguenta os frios e geadas das altitudes mais elevadas, ocorrendo dos 0 aos 1400m. É frequente nas florestas de sobreiro, de azinheira e de carvalho-alvarinho. Tolerar razoavelmente a seca.



02. ROTA DE SEIÇA

Os campos de arroz, sobretudo no seu período de maior produtividade, são um exemplo típico do modo como a intervenção humana pode contribuir para o embelezamento da paisagem. Estes terrenos de orizicultura percorridos por extensas valas, que contribuem para o seu alagamento, são o habitat ideal para uma grande diversidade de espécies.

O MOSTEIRO DE STA. MARIA DE CEIÇA

A mais antiga referência ao mosteiro de Santa Maria de Ceíça, data de 1162 e faz referência à presença do seu abade D. Martinho aquando da outorgação da carta de isenção dos direitos episcopais dada aos cruzados pelo Bispo D. Miguel Salomão. Em 1175, o Mosteiro recebe de D. Afonso Henriques

carta de couto e o seu filho D. Sancho I, em 1195, filia a unidade de Seíça a Alcaboga. Localizado junto à ribeira de Seíça, num espaço rural de harmonia e de paz, durante vários séculos, o complexo monástico desempenhou um importante papel na reorganização territorial e social das povoações do estuário do Mondego, sobretudo em termos agrícolas.

A CAPELA DA NOSSA SENHORA DE CEIÇA

Localiza-se nas imediações do Mosteiro. Com uma planta octogonal e uma colunata envolvente de colunas dóricas.

CEGONHA-BRANCA (*Ciconia ciconia*)

A sua área de distribuição estende-se particularmente por todo o território nacional continental, exceptuando o Minho, Douro Litoral e o maciço da Serra da Estrela. Encontra-se sobretudo em zonas abertas ocupadas com paisagens, pousios ou arrozais, cursos de água, pauis, charcos, açudes e barragens. Evita locais frios e zonas de densa vegetação alta.

GRALHA-PRETA (*Corvus corone*)

A gralha-preta é um dos corvídeos mais abundantes da nossa fauna. Pode ser vista em quase todos os tipos de habitats, excepto as zonas urbanizadas. Forma frequentemente pequenas bandas. Distribui-se por todo o território, embora seja relativamente rara na parte meridional do Alentejo e no Algarve. É uma espécie residente que pode ser vista durante todo o ano.

38 |



RÃ-IBÉRICA (*Rana ibérica*)

Apresenta actividade tanto diurna como nocturna. Encontra-se activa durante todo o ano, embora seja menos conspicua nos dias mais frios do Inverno e durante os meses quentes de Verão. Trata-se de uma espécie típica de zonas montanhosas e muito associada à água, ocorrendo junto a ribeiros com vegetação abundante nas margens, cujos biótopos circundantes são frequentemente construídos por bosques caducifólios ou laimeiros.

| 39



RÃ-VERDE (*Rana perezi*)

Nativa e introduzida no arquipélago dos Açores e da Madeira. Distribui-se pela Europa Ocidental, em especial Portugal, Espanha, França e Reino Unido. E Portugal ocorre em todo o território. Tem como habitat natural as florestas e matagais temperados, o matagal arbustivo mediterrâneo, praticamente todos os tipos de habitats aquáticos (rios e ribeiros, cursos de água temporários, pântanos, lagoas e lagos permanentes e temporários de água doce, barragens), pântanos permanentes e temporários, margens arenosas, terrenos de cultivo e áreas urbanas.

40 |



RELA (*Hyla arborea*)

Distribuída por toda a Europa. Em Portugal está mais presente no norte do território. Esta espécie foi observada a 700 e a 900 metros de altitude, em charcos relativamente extensos e profundos, com vegetação emergente alta e densa, que utiliza, como refúgio e nas orlas dos charcos. São principalmente activas à noite, embora possam observar-se durante o dia junto dos cursos de água.

| 41



SAPO-COMUM (*Bufo bufo*)

Ocupa uma grande variedade de habitats, nomeadamente em áreas agrícolas, zonas de montanha, montados e bosques de caducifólios. Possui hábitos essencialmente crepusculares e nocturnos, mas em dias húmidos e chuvosos pode também apresentar alguma actividade durante o dia. Nesses dias pode observar-se caminhando de forma lenta ou dando pequenos saltos. Durante o Inverno diminui a sua actividade e permanece escondido debaixo de um tronco caído ou noutro local húmido.

42 |



SAPO-CORREDOR (*Bufo calamita*)

Zonas de charqueca da Europa Ocidental e do Norte. Em Portugal está presente em todo o território. Ocorre sobretudo em áreas abertas de zonas montanhosas, de solos pouco compactados e com predominância de matos mistos, urzes, giestas e tojos. Desloca-se fazendo pequenas corridas (em vez de aos saltos como os outros sapos). Para se reproduzir utiliza essencialmente pequenos charcos temporários, expostos, de excessiva profundidade e com vegetação pouco abundante.

| 43



SALAMANDRA (*Salamandra atra*)

Em Portugal ocorre em todo o território, à excepção das regiões mais áridas do Alentejo. Habita preferencialmente em zonas montanhosas, húmidas e sombrias, com elevada precipitação anual, como bosques caducifólios próximos de ribeiros ou charcos. Durante o dia permanece escondido debaixo de rochas ou nas fissuras de troncos. Na época de produção prefere as águas limpas e correntes, no entanto também é frequente em charcos, canais de rega, tanques, represas e até albufeiras.



44 |

TRITÃO-MARMOREADO (*Triturus marmoratus*)

O tritão-marmoreado pode ser encontrado no sudoeste de França e no norte de Espanha e Portugal. Habita numa grande variedade de biótopos desde que existam nas proximidades massas de água adequadas para a sua reprodução. Normalmente permanece escondido debaixo das rochas, troncos e outros locais húmidos.



| 45

TRITÃO-DE-VENTRE-LARANJA (*Triturus boscai*)

Habita numa grande variedade de ambientes, incluindo pradós, bosques e zonas agrícolas. Normalmente está associado à água e ocorre em qualquer tipo de reservatório. Apresenta uma fase aquática, que coincide com a época de reprodução, e uma fase terrestre. A sua actividade é predominantemente nocturna durante a fase terrestre, e tanto nocturna como diurna durante a fase aquática. Pode passar por períodos de inactividade invernal e estival, durante os quais se refugia debaixo de pedras ou no fundo de habitats aquáticos.



46 |

TABOÁ (*Typha latifolia*)

Ocorre no território continental, principalmente na região centro. Pântanos, terras alagadas, bordas de lagoa, em valo, estuários e ao longo dos riachos.











| 47

CANIÇO (*Phragmites australis*)

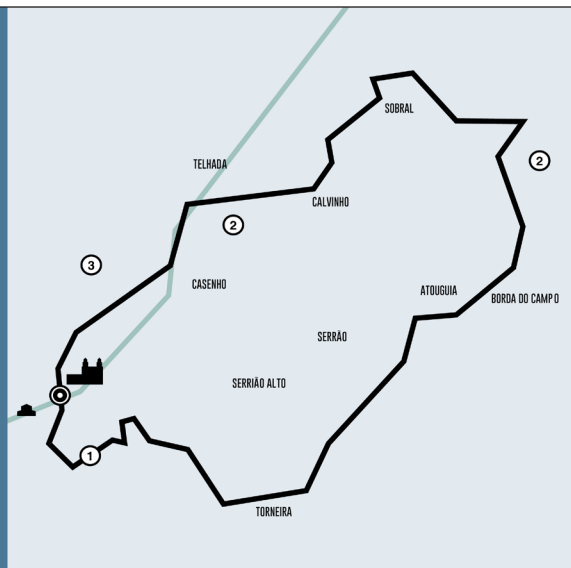
O Caniço é uma planta da família Poaceae, cosmopolita quanto à sua distribuição e rípica quanto ao habitat, pois desenvolve-se em locais húmidos, nas margens de cursos de água, valas, lagos e lagoas. Em Portugal distribui-se por todo o território, salvo a altitudes elevadas.

PR 2/FF MAPA DA ROTA DE SEIÇA

- INÍCIO DA ROTA 
- FONTE DOS FRADES 
- ARROZAIS 
- FLORESTA 
- ROTA DE SEIÇA 
- VIA FERREA 
- MOSTEIRO DE SEIÇA 
- CAPELA 

48 |

- DURAÇÃO DO PERCURSO PEDESTRE 3 A 4 HORAS
- DIMENSÃO APROXIMADA DE 13 KM
- MOSTEIRO DE SEIÇA 40°3'18,68"N / 8°45'25,30"W



03. ROTA DA BOA VIAGEM

PATRIMÓNIO GEOLÓGICO DO CABO MONDEGO

No flanco ocidental da Serra da Boa Viagem (Cabo Mondego) aflora uma espessa série de sedimentos, que registam, de forma notável, alguns dos principais acontecimentos da História da Terra. O intervalo de tempo registado situa-se aproximadamente entre os 180 e os 140 milhões de anos, isto é, refere-se ao Jurássico Médio e Superior.

A História Geológica do nosso país durante os tempos jurássicos está inscrita nas falésias do Cabo Mondego. Este património natural, com reconhecido valor científico e didático, a nível


nacional e internacional, carece de uma protecção adequada, de forma a impedir que o avanço da exploração de calcário e o vandalismo ponham em risco a sua integridade. Preserva-a porque ela não se repete.

MAR, SERRA E DUNAS

A Serra da Boa Viagem é um acidente orográfico com um papel ecológico importante, uma vez que determina, a nível do Baixo Mondego, a existência de um conjunto de condições microclimáticas específicas e funciona como um esporão natural, que contribui para reter os processos de erosão a Norte. O percurso alta magníficas paisagens a uma riqueza natural e geológica. Ao longo do caminho encontramos alguns exemplares.

50 |


| 51



52 |

LENTISCO (*Pistacia lentiscus*)


É muito abundante em todo o território encontrando-se mais distribuída no centro e sul. Cresce nos matos secos do litoral. Prefere uma exposição soalheira, é muito pouco exigente em água e na qualidade do solo e requer a mínima de manutenção. Não resiste a frios muito acentuados.



| 53

MEDRONHEIRO (*Arbutus unedo* L.)


A sua área de distribuição inclui toda o território de Portugal continental. No nosso país, as maiores manchas situam-se nas Serras de Mançique e Caldeirão. É uma espécie que aparece consociada, particularmente, ao sobreiro e à azinheira, ocorrendo nos montados e em zonas de matos resultantes da sua degradação. Crescem tanto em solos ácidos como alcalinos mas preferem que sejam profundos e frescos. Aparecem até aos 1200m de altitude. O seu clima favorito é suave e sem geodas fortes.



54 |

CARRASCO (*Quercus coccifera*)

É comum no Centro e Sul de Portugal, nomeadamente nos baldios e encostas, outrora cobertas de quercíneas, a sua expansão é favorecida pela degradação do manto arbóreo. Espécie heliófila, muito bem adaptada a Verões escaldantes e secos da região mediterrânica. Possui uma excelente adaptação aos solos pobres, pedregosos e secos, especialmente aos calcários que protege da erosão. Renova facilmente pelo cepo. Apresenta um crescimento lento.



| 55

ADERNO (*Rhamnus alaternus* L.)

Sebes, matagais e bosques de folha persistente e marcescente. Prefere locais não muito sombrios, dando-se bem tanto em solos ácidos como básicos. Ocorre geralmente até aos 1000m. Prefere temperaturas quentes e prospera em ambientes secos, embora resista até aos -15°C. Tolerante a ventos marítimos. Tem um crescimento relativamente rápido.

56 |



PINHEIRO-BRAVO (*Pinus pinaster*)

Em Portugal era primitivamente uma espécie espontânea na faixa costeira sobre solos arenosos a norte do Tejo. Atualmente, devido à acção do homem, está presente por todo o País, existindo abundantes povoamentos estremos do Norte e Centro, penetra até Trás-os-Montes, e na faixa litoral, desde o Minho até à Península de Setúbal. Prefere os solos siliciosos e arenosos, mas desenvolve-se bem na grande maioria dos solos com excepção dos solos com muito calcário solúvel (pH elevado).

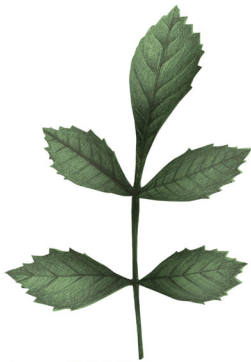
| 57



PINHEIRO-MANSO (*Pinus pinea L.*)

Encontra-se por toda a Bacia Mediterrânea começando a rarear à medida que aumenta a distância ao Mediterrâneo e as condições ecológicas se modificam. Em Portugal encontra-se em toa a faixa litoral Centro e Sul. Tem preferência por solos frescos, profundos e arenosos, adaptando-se mesmo a areais marítimos e dunas. Prefere solos ligeiramente ácidos mas adapta-se a solos calcários se não forem muito argilosos. Prefere boa luminosidade e temperaturas quentes, não suportando geadas fortes continuadas. É comum encontrá-lo entre o nível do mar e os 1000 metros de altitude.

58 |



FREIXO (*Fraxinus angustifolia Vahl*)

É espontânea em todo o território nacional. Encontra-se nas margens de rios e em outros locais frescos, onde a água freática se encontra próxima da superfície. Suporta grandes amplitudes térmicas. Pode encontrar-se tanto em solos calcários como solos siliciosos. É indiferente ao pH, necessitando de um solo fresco e com um certo grau de humidade.

| 59











GILBARDEIRA (*Ruscus aculeatus L.*)

Em Portugal, distribui-se por quase todo o país, continente e arquipélago dos Açores. Todo o tipo de terrenos, mas prefere os locais frescos e sombrios, não aguenta os frios e geadas das altitudes mais elevadas, ocorrendo dos 0 aos 1400m. É frequente nas florestas de sobreiro, de azinheira e de carvalho-alvarinho. Tolerava razoavelmente a seca.

60 |

PR 3/FF MAPA DA ROTA DA BOA VIAGEM

- INÍCIO DA ROTA 
- RUÍNA ARQUEOLÓGICA 
- AMBIENTE GEOLÓGICO 
- PRAIAS 
- VISTA PANORÁMICA 
- DÓLMEN / CAPELA DE SANTO AMARO 
- ROTA DA BOA VIAGEM 
- MAR 

- DURAÇÃO DO PERCURSO PEDESTRE 3 A 4 HORAS
- DIMENSÃO APROXIMADA DE 11,75 KM
- CAPELA DE SANTO AMARO 40°11'50.78" N / 8°53'2.95" W



04. ROTA DO MEGALITISMO

Nesta rota pode-se observar o Dólmen das Caniças (sepultura pré-histórica) com cerca de 5000 anos integrada numa necrópole com mais duas dezenas de monumentos.

FLORA

Ao longo da rota podem observar uma grande diversidade de espécies arbóreas. Em determinadas zonas, a vegetação

62 |



constitui aquilo a que se chama maquis, ou seja, uma associação vegetal que forma um matagal denso, típico de terras silíceas mediterrânicas, mas também plantas herbáceas, cujas flores podem ser observadas preferencialmente na Primavera.

FAUNA

Ao longo da rota, podem ser observados vestígios da presença de espécies de interesse cinegético. Poderá também seguir o voo de uma ave de rapina de tamanho médio, com asas e cauda compridas, frequentemente vista a planar.

| 63



64 |

MEDRONHEIRO (*Arbutus unedo* L.)

A sua área de distribuição inclui todo o território de Portugal continental. No nosso país, as maiores manchas situam-se nas Serras de Monchique e Caldeirão. É a espécie que aparece consociada, particularmente, ao sobreiro e à azinheira, ocorrendo nos montados e em zonas de matos resultantes da sua degradação. Crescem tanto em solos ácidos como alcalinos mas preferem que sejam profundos e frescos. Aparecem até aos 1200m de altitude. O seu clima favorito é suave e sem geadas fortes.



| 65

CARRASCO (*Quercus coccifera*)

É comum no Centro e Sul de Portugal, nomeadamente nos baldios e encostas, outrora cobertas de quercíneas, a sua expansão é favorecida pela degradação do manto arbóreo. Espécie heliófila, muito bem adaptada a Verões escaldantes e secos da região mediterrânica. Possui uma excelente adaptação aos solos pobres, pedregosos e secos, especialmente aos calcários que protege da erosão. Renova facilmente pelo cepo. Apresenta um crescimento lento.



66 |

LENTISCO (*Pistacia lentiscus*)

É muito abundante em todo o território encontrando-se mais distribuído no centro e sul. Cresce nos matos secos do litoral. Prefere uma exposição soalheira, é muito pouco exigente em água e na qualidade do solo e requer o mínimo de manutenção. Não resiste a fríos muito acentuados.



| 67

EUCALIPTO (*Eucalyptus globulus*)

Originário da Austrália e Tasmânia. Foi introduzido em Portugal em meados do século XIX. Existe igualmente em Espanha e em França. Em Portugal, prefere regiões litorais e de baixa altitude, inferior a 700 m. Prefere climas temperados húmidos. Suporta mal o ensombreamento. Tolerante bem todos os tipos de solos, com excepção aos calcários. Resiste bem ao encharcamento e mal ao vento.

68 |



FETOS (*Pteridium aquilinum*)

No sub-bosque de áreas florestais ou bosques degradados. Coloniza áreas áridas, pastagens abandonadas e grandes áreas nos terrenos ácidos. Ocorre tanto em locais ensolarados como em locais sombrios.

| 69



MIMOSA (*Acacia longifolia*)

Do norte a sul do país, terrenos frescos dos vales, zonas montanhosas e margens dos cursos de água, solos siliciosos. Invade áreas florestais de zonas montanhosas, permanecendo asbustiva em condições de secura. É também muito frequente em áreas adjacentes a vias de comunicação.

70 |



CARVALHO-ROBLE (*Quercus robur*)

Matas de clima temperado, isto é, sem seca estival prolongada. É frequentemente a árvore dominante. Ocorre preferencialmente dos 0 aos 1500m, mas pode chegar aos 2500m. Prefere solos siliciosos e húmidos, embora resista à seca assim que está estabelecida. Espécie de luz principalmente em idade jovem. Necessita de uma precipitação média anual superior a 600mm e no período estival de mais de 200mm. Precisa também de humidade ambiental.

| 71



TROVISCO (*Daphne gnidium*)

Em Portugal ocorre praticamente em todo o território. Cresce espontaneamente em matos, terrenos incultos ou terrenos áridos. Nas dunas, surge nos terrenos de transição para a floresta ou terrenos de cultivo. Prospera em solos pobres, rochosos, bem drenados, tanto básicos como ácidos e prefere locais com muita luz. Ocorre em locais de altitude não muito elevada, tolerando temperaturas até -5°C.

72 |



PINHEIRO-BRAVO (*Pinus pinaster*)

Em Portugal era primitivamente uma espécie espontânea na faixa costeira sobre solos arenosos a norte do Tejo. Actualmente, devido à acção do homem, está presente por todo o País, existindo abundantes povoamentos estremos do Norte e Centro, penetra até Trás-os-Montes, e na faixa litoral, desde o Minho até à Península de Setúbal. Prefere os solos siliciosos e arenosos, mas desenvolve-se bem na grande maioria dos solos com excepção dos solos com muito cálcio solúvel (pH elevado).

| 73



PINHEIRO-MANSO (*Pinus pinea* L.)

Encontra-se por toda a Bacia Mediterrânea começando a rarear à medida que aumenta a distância ao Mediterrâneo e as condições ecológicas se modificam. Em Portugal encontra-se em toda a faixa litoral Centro e Sul. Tem preferência por solos frescos, profundos e arenosos, adaptando-se mesmo a areais marítimos e dunas. Prefere solos ligeiramente ácidos mas adapta-se a solos calcários se não forem muito argilosos. Prefere boa luminosidade e temperaturas quentes, não suportando geadas fortes continuadas. É comum encontrá-lo entre o nível do mar e os 1000 metros de altitude.

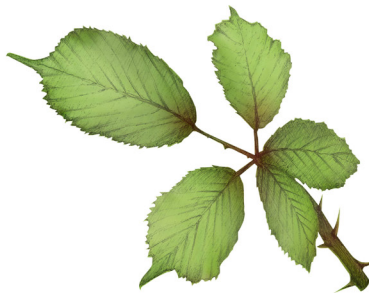
74 |



ADERNO (*Rhamnus alaternus* L.)

Sebes, matagais e bosques de folha persistente e marcescente. Prefere locais não muito sombrios, dando-se bem tanto em solos ácidos como básicos. Ocorre geralmente até aos 1000m. Prefere temperaturas quentes e prospera em ambientes secos, embora resista até aos -15°C. Tolerante ventos marítimos. Tem um crescimento relativamente rápido.

| 75



SILVAS (*Rubus ulmifolius*)

Muito comum em bosques, sebes, campos abandonados e margens de linhas de água. Dá-se em todo o tipo de solos, desde ácidos a básicos e pobres, desde que com alguma humidade. Tanto se desenvolve na sombra como ao sol e tolera temperaturas até -18°C. Os frutos atraem muitas espécies de aves, assim como as flores, insetos. Dependendo das circunstâncias pode ter um comportamento invasor.

76 |



FUNCHO (*Foeniculum vulgare* sp.)

O funcho é o nome vernáculo dado à espécie herbácea *Foeniculum vulgare* Mill. (sinónimo taxonómico de *Anethum foeniculum* L. e de *Foeniculum officinale* L.) uma umbelífera fortemente aromática comestível utilizada em culinária, em perfumaria e como aromatizante no fabrico de bebidas espirituosas e planta medicinal. O funcho é nativo da bacia do Mediterrâneo, com variedades na Macaronésia e no Médio Oriente, onde ocorre no estado silvestre, mas é hoje cultivado, sob diversas formas varietais, em todas as regiões temperadas e subtropicais.

| 77



LAVÂNDULA (*Lavandula stoechas*)

Lavandula stoechas, também chamada rosmaninho, é uma planta típica da região mediterrânica. O rosmaninho tem um aroma semelhante ao da alfazema e tradicionalmente era utilizado para cobrir o chão durante as procissões e como combustível nas fogueiras dos santos populares.

78 |



ORQUÍDEA SELVAGEM (*Ophrys apifera*)

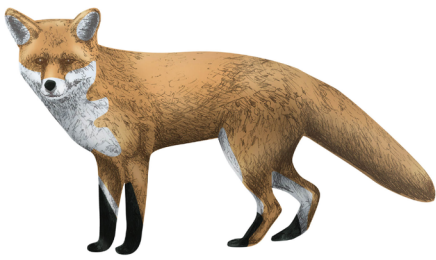
No sub-bosque de áreas florestais ou bosques degradados. Coloniza áreas áridas, pastagens abandonadas e grandes áreas nos terrenos ácidos. Ocorre tanto em locais ensolarados como em locais sombrios.

| 79



ROSEIRA BRAVA (*Rosa sempervirens*)

Roseira-brava (*Rosa sempervirens*) é uma planta arbustiva da família das rosáceas. É uma planta nativa da Europa que ocorre em Portugal em zonas de clima temperado, de preferência em lugares pouco ensolarados. Possui folhas perenes.



80 |

RAPOSA-VERMELHA (*Vulpes vulpes*)

Em Portugal está presente em todo o país. A sua adaptação aos diversos habitats é limitada permitindo-lhe ocupar praticamente todos os disponíveis, desde as zonas costeiras até às de montanha. Tem preferência por mosaicos de áreas agrícolas com zonas mais fechadas (matagais e florestas) que lhe proporcionem zonas de caça, abrigo e reprodução.



| 81

JAVALI (*Sus scrofa*)

Introduzido. Mamífero originário Norte de África e sudoeste da Ásia. Como em toda a Europa, em Portugal a população de javalis foi muito reduzida pela caça e destruição dos seu habitats, mas desde 1970 tem havido um grande aumento em número. Ocorrem em grande parte do território continental português. Distribuem-se por vários tipos de habitat, desde os bosques com vegetação alta (carvalho, tojo, junco, espinhos...), onde se podem esconder mas também frequentam áreas cultivadas com um manto mínimo de árvores e arbustos. À noite podem encontrar-se em áreas abertas.



82 |

COELHO-BRAVO (*Oryctolagus cuniculus*)

Em Portugal encontra-se em todas as regiões do continente. Vive em áreas secas perto do nível do mar com um solo macio e arenoso para facilitar a construção de tocas, em florestas, mas prefere áreas cobertas por matos onde se podem esconder. É um animal gregário e territorial (territórios com mais ou menos 15m², às vezes apenas 1 ou 2). Em cada grupo vivem entre 6 a 10 adultos de ambos os sexos. A hierarquia de domínio dos machos é importante porque estabelece quem tem prioridade no acasalamento. Animal noturno e crepuscular passa a maior parte do dia em suas tocas.



| 83

MELRO-PRETO (*Turdus merula cabreræ*)

É das espécies mais bem distribuídas pelo território. Ocorre numa variedade enorme de habitats, desde bosques e florestas, a zonas de pastagens com sebes, parques e jardins urbanos, matos densos e também agrícolas.



84 |

CHAPIM-REAL (*Parus major*)

Distribuição contínua de norte a sul. Ocorre em zonas de montados, florestas mistas e alguns parques e jardins, é uma espécie comum, ocorrendo durante o ano. Localmente pode ser abundante, sobretudo em zonas com árvores velhas e frondosas.



| 85

PEGA-AZUL (*Cyanopica cyanus*)

Espécie localmente abundante, a pega-azul distribui-se pelas zonas de influência mediterrânica e ocorre sobretudo em zonas do interior, de norte a sul, e em alguns locais do litoral, como é o caso do Algarve e do estuário do Sado. Trata-se de um corvidão residente, observável durante todo o ano. Durante o Inverno forma bandos de dimensão considerável.

PR 4/FF MAPA DA ROTA DO MEGALITISMO

- INÍCIO DA ROTA
- IGREJA - INTERESSE ARQUITECTÓNICO
- FLORESTA
- PIANALTO MEGALÍTICO
- DOLMEN DAS CANIÇOSAS
- ROTA DO MEGALITISMO
- AUTOESTRADA
- VIA FERREA

- DURAÇÃO DO PERCURSO PEDESTRE 3 A 4 HORAS
 - DIMENSÃO APROXIMADA DE 10 KM
 - CAPELA DE SANTO AMARO 40°11'12.95"N / 8°48'23.94"W

05. ROTA DAS SALINAS

O percurso percorre as salinas do grupo de Lavos, localizadas na margem sul do Mondego. A arte do salgado, prodígio da obra humana, criou na paisagem uma magnífica geometria de formas exemplares que decalou ao longo dos anos sendo hoje objecto de um projecto de reanimação centrado no Eco Museu do Sal. A transformação, abandono ou destruição de salinas, importante habitat de alimentação e de nidificação, deixa as espécies em muitos casos, sem habitats alternativos.

PATO-REAL (*Anas platyrhynchos*)

Em Portugal o pato-real é sobretudo uma espécie residente, nidificando, entre Março e Julho, de norte a sul do país, sendo porém mais abundante nas principais bacias hidrográficas portuguesas, nas barragens e açudes a sul do rio Tejo. Ocupa praticamente todo o tipo de habitats aquáticos desde lagoas costeiras, barragens, açudes e valas de rega até ribeiros, rios paus, arrozais, ETAR's e parques urbanos, preferindo essencialmente zonas de águas pouco profundas.

PATO-TROMBEIRO (*Anas Clypeata*)

O pato-trombeiro, no nosso país, é sobretudo um invernante, chegando os primeiros indivíduos muito cedo, a partir de Agosto, permanecendo algumas aves entre nós até Abril. Associa-se frequentemente a outras espécies de patos formando por vezes bandos muito numerosos. Ocorre, de Norte a Sul de Portugal, ocupando todo o tipo de habitats aquáticos de baixa profundidade: tanto em lagoas costeiras, como açudes, barragens, paus ou ribeiros no interior.



92 |

MARREQUINHA (*Anas crecca*)

A marrequinha é uma espécie invernante e que está presente no nosso país principalmente de Setembro a Março, embora possa ser vista, em pequenos números, noutras meses do ano. Durante a época fria é um dos patos mais abundantes, formando muitas vezes bandos que podem reunir centenas ou mesmo milhares de indivíduos.



| 93

PIADEIRA (*Anas Penélope*)

Em Portugal é uma espécie invernante, podendo ocorrer de norte a sul do país, entre Outubro e Abril, sendo mais abundante nas zonas húmidas costeiras. Pode associar-se com frequência a outras espécies de patos, sendo comum observar bandos com muitas centenas de indivíduos desta espécie a alimentar-se em zonas estuarinas, na maré baixa, ou a descansar em bandos "compactos" em algumas lagoas.



94 |

FLAMINGO (*Phoenicopterus roseus*)

No passado o flamingo era muito raro em Portugal, mas desde o final da década de 1980 a presença de grandes bandos de flamingos passou a ser habitual nas principais zonas húmidas portuguesas, não sendo raro observar concentrações de muitas centenas de indivíduos. Embora não nidifique no nosso país, pode ser observado ao longo de todo o ano. Os movimentos algo erráticos desta espécie não permitem classificá-la como residente nem como invernante.



| 95

PERNILONGO (*Himantopus himantopus*)

Oltrara uma espécie maioritariamente estival em Portugal, o pernilongo pode hoje ser observado em Portugal durante todo o ano. É uma espécie das grandes zonas húmidas costeiras, onde frequenta sobretudo salinas e charcas ou pequenas lagoas. Localmente pode ser bastante comum, chegando a formar concentrações de algumas dezenas de indivíduos, sobretudo nas épocas de passagem migratória. No interior é mais escasso, ocorrendo pontualmente em açudes ou pauis.



96 |

CARTAXO (*Saxicola torquata*)

Bastante abundante, encontra-se sobretudo em zonas abertas de charnecas, esteiros, campos agrícolas, montados e bosques abertos, zonas de matos baixos, sapais e dunas. Ocorre durante todo o ano, sendo principalmente residente, mas nalguns locais do litoral parece ocorrer sobretudo fora da época reprodutora. O Alentejo, a Estremadura e a maior parte da Beira Interior são as melhores regiões para procurar este pequeno turdídeo.




| 97

BORRELHO-DE-COLEIRA-INTERROMPIDA (*Charadrius alexandrinus*)

O borrelho-de-coleira-interrompida pode ser observado no nosso país durante todo o ano, mas muitas das aves que aqui ocorrem são migradoras, oriundas do norte da Europa e que aqui ocorrem como invernantes ou de passagem para África. A espécie é relativamente comum ao longo de todo o ano, mas na Primavera ocorre sobretudo em casais, que ocupam os seus territórios em salinas ou dunas. É fora da época de nidificação que ocorrem as maiores concentrações, podendo por vezes observar-se bandos de dezenas ou mesmo centenas de indivíduos.


98 |



ÁLVEOLA AMARELA (*Motacilla flava*)

A alveola-amarela é uma ave migradora, que nos visita durante a época dos ninhos. Contudo, chega bastante cedo ao nosso país, os primeiros migradores chegam geralmente ainda em finais de Fevereiro, ainda em pleno Inverno, e em Março a espécie é já comum numa grande parte do país. Está presente nas zonas de nidificação até Setembro. A sua abundância varia de umas regiões para outras, mas de uma forma geral nas principais zonas de ocorrência a alveola-amarela pode ser considerada comum.

| 99



ROUXINOL-GRANDE-DOS-CANIÇOS (*Acrocephalus arundinaceus*)

Esta espécie é relativamente comum em Portugal e distribui-se um pouco por todo o país, mas a sua distribuição é bastante fragmentada devido às especificidades do habitat que frequenta. Este consiste em zonas húmidas com vegetação emergente bem desenvolvida, como caniçais e taboais em paus, vales, mas também ocorre em ribeiros marginados por árvores de folhagem densa. É um visitante estival, que chega geralmente a partir de finais de Março ou início de Abril e está presente no país até Agosto.

100 |

PR 4/FF MAPA DA ROTA DAS SALINAS

- INÍCIO DA ROTA 
- SALINAS 
- VISTA PANORÂMICA 
- PONTE EM MADEIRA 
- ROTA DE MAIORÇA 
- RIO MONDEGO 
- NÚCLEO MUSEOLÓGICO DO SAL / ARMAZÉM DO SAL 

- DURAÇÃO DO PERCURSO PEDESTRE 2 HORAS
 - DIMENSÃO APROXIMADA DE 4 KM
 - CAPELA DE SANTO AMARO 40°6'43.02"N / 8°50'5.63"W



LAVOS

102 |

CONTACTOS ÚTEIS

- Dep. de Cultura da C. M. da Figueira da Foz | 233 402 840
- Protecção Civil | 233 402 805
- Bombeiros Municipais da Figueira da Foz | 233 402 804
- Cruz Vermelha | 233 424 886
- GNR Maiorça | 233 930 177

| 103

